



vielas

vielas

um projeto de requalificação para
as vielas da comunidade de
Paraisópolis

alleys
a requalification project for the alleys
of the community of Paraisópolis

universidade de são Paulo
faculdade de arquitetura e urbanismo
trabalho final de graduação

carolina menezes mendes vieira
orientador: leonardo loyolla
são paulo 2018



agradecimentos

Agradeço primeiramente a minha mãe guerreira, por sempre me apoiar e incentivar em minhas escolhas, e servir de espelho para que eu siga meus sonhos sem desistir jamais. Ao meu pai, que me observa e protege do céu. A minha madrinha e a minha avó pelas palavras sempre doces.

Agradeço meus colegas Caio, Debora, Fabiana, Gabriela, Heloisa, Julia e Renata pelo apoio físico, mental musical e arquitetônico.

A Luiza e a Juliana por ouvirem e aguentarem minhas lamurias diárias durante todo esse tempo (seja aqui ou na Alemanha).

Finalmente agradeço as minhas incríveis professoras Catharina e Karina por me fazerem gostar muito de desenho urbano, principalmente no que concerne a vida na comunidade e também despertar a empatia pelo próximo que está dentro de cada um de nós.

Ao meu orientador Leonardo agradeço toda a atenção e paciência e por iluminar meu caminho durante todo esse ano.

resumo

O presente Trabalho Final de Graduação do curso de Arquitetura e Urbanismo será abordada a deficiência de espaços livres na comunidade de Paraisópolis, São Paulo e a consequente apropriação das rua e vielas pelos seus moradores .

Após análise da situação atual e do uso das vielas em um recorte que abrangem três quadras em uma área central da comunidade, será desenvolvido uma proposta de requalificação de um conjunto de vielas, conectando as três quadras e encurtando caminhos. Da proposto de novo percurso, surgem novos espaços orgânicos no interior dessas quadras, estimulando o estar e o lazer dos moradores do entorno.

palavras-chave: Paraisópolis - espaços livres –favela - vielas – requalificação- conexão

abstract

This final thesis of the Architecture and Urbanism course will address the deficiency of free spaces in the community of Paraisópolis, São Paulo and the consequent appropriation of the streets and by its residents.

After analyzing the current situation and the use of the lanes in a site that cover three blocks in a central area of the community, a proposal will be developed to requalify a set of lanes and alleys, connecting the three blocks and shortening paths. From the proposed new route, new organic spaces will appear within these blocks, stimulating the living and the leisure of the residents of the surroundings.

Keywords: Paraisópolis - free spaces - favela - alleys - requalification -connection

sumário

1.introdução	09
2.favela	13
2.1 favela	14
2.2 por que intervir	16
2.3 espaços livres na periferia	18
3.paraísopolis	27
3.1 a cidade paraíso	28
3.2 origem	30
3.3 aspectos demográficos	34
3.4 aspectos físicos	36
3.5 esporte e lazer	38
3.6 bairros	40
4. o recorte	43
4.1 antonico	44
5. vielas	49
5.1 levantamento	51
5.2 tipologias	54
6. referencias	71
7. o projeto	79
7.1 primeiros estudos	80
7.2 definição do traçado	82
7.3 diretrizes de projeto	84
8. conclusão	93
9. bibliografia	94



1.introdução

1. introdução

No denso ambiente construído das favelas, a prioridade espacial é dada à habitação. Espaços públicos, então, desenvolvem-se informalmente nos lugares que sobram na paisagem urbana e se mesclam com lugares privados. Lajes, vias públicas, vielas e escadarias são adotadas como lugares para conhecer pessoas, conversar, passar o tempo e até fazer comércio.

Nas favelas o espaço público é o coração de uma comunidade, criado do ato de “construir lugares”. Alimentado por um sentimento de orgulho, esses espaços reforçam a conexão entre as pessoas e os lugares coletivos que compartilham dentro de uma vizinhança, demonstrado na infinidade de maneiras na qual os espaços são utilizados, apreciados e mantidos. Por extensão, a construção de uma comunidade emerge ao lado desse movimento, aumentando a solidariedade dos moradores e solidificando o valor e a necessidade destes espaços. A intimidade social entre os moradores das favelas e das relações formadas devido à proximidade física e circunstâncias são, de certa forma, inigualáveis. O trabalho parte desta problemática geral, a falta

de espaços livre nas favelas consolidadas e torna-se específica quando as questões de mobilidade e do dia-a-dia na favela se entrelaçam a ela. Essas questões correspondem a dificuldade de transitar no espaço público comum da rua e das vielas e também da apropriação por parte da comunidade que já acontece nesses espaços e que poderia ser ainda mais efetiva, melhorando a qualidade de vida, a segurança e o conforto.

A metodologia para a análise e proposta é basicamente empírico, sustentado por visitas de campo nas quais o desenho, o registro fotográfico e as conversas informais com a comunidade são as principais ferramentas de observação, transcrição e análise do objeto de estudo. Uma vez sistematizadas, e partindo de revisão bibliográfica, as informações de campo conduzem a uma discussão acerca da apropriação das vielas existentes e como requalificar esses espaços de forma a fomentar ainda mais a vitalidade inerente a eles assim com melhorar as condições de conforto e segurança.

O objetivo deste trabalho é criar uma série de proposições para um conjunto de 3

quadras da comunidade, mas que poderiam ser implantadas em qualquer outro setor da Paraisópolis, levando-se em conta pequenas adaptações. As intervenções de infraestrutura englobam melhorias nas condições preexistentes de iluminação, circulação e acessibilidade, drenagem da chuva e armazenamento de lixo das vielas dessas quadras. A diretriz geral de projeto e a conexão dessas três quadras pelo seu miolo, reconectando vielas e abrindo novos espaços para criação de espaços de estar e lazer.

3000

VIEL A DOS SO INMHO

2.favela

2.1 favela

2.2 por que intervir

2.3 espacios livres

2.1 favela

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), como parte do Censo Demográfico 2010, realizou uma pesquisa sobre os aglomerados subnormais no País, analisando os dados das favelas, invasões, grotas, baixadas, comunidades, vilas, ressacas, mocambos ou palafitas. Essas áreas abrigam os lares de 11.425.644 pessoas, ou 6% da população brasileira. O estudo feito pelo IBGE mostra que 5,6% (3.224.529) do total de domicílios brasileiros estão localizados nessas áreas. Em todo o País foram identificadas 6.329 favelas espalhadas em 323 municípios.

A região Sudeste, a mais populosa do País – com 77,6 milhões de habitantes -, é a que concentra o maior número de lares dentro de favelas, 49,8% do total no País, com maiores incidências nos Estados de São Paulo (23,2%) e Rio de Janeiro (19,1%). Em seguida aparece o Nordeste, com 28,7%, Norte, com 14,4%, Sul, com 5,3%, e o Centro-Oeste, com 1,8%.

Por mais presente que seja na realidade brasileira, a palavra favela carrega consigo um estigma de lugar ilegal, inseguro e degradado tanto no seu aspecto físico como social trazendo muitas vezes os estigmas desses

adjetivos para seus moradores.

Em 2002 foi adotada pela ONU uma definição internacional de favela\slum que a caracteriza como um local com acesso inadequado à água potável, acesso inadequado à infraestrutura de saneamento básico e outras instalações, baixa qualidade das unidades residenciais, alta densidade e insegurança quanto ao status de propriedade. Dessa forma, sua caracterização se restringe ao aspecto físico e legal do assentamento sem tocar nas questões sociais.” É necessário distinguir irregularidade de precariedade e de carência\ vulnerabilidade social. Nem todos os assentamentos irregulares são precários, nem todos os precários comportam população em situação de carência ou vulnerabilidade social.” (BUENO, 2003)

Hoje as favelas são lugares menos precários do que eram duas ou três décadas atrás, ao passo que vão se estabelecendo, os barracos de madeira se transformam em edificações de alvenaria que muito se confundem e se misturam com alguns bairros de periferia da metrópole, seus moradores são trabalhadores empregados, muitos no mercado formal, que produzem e consomem, partici-

pando da movimentação do capital, mas que não encontram oferta acessível de moradia no mercado legal da cidade e não veem esse déficit ser amparado pelo Estado.

A favela é uma expressão coletiva de imensa complexidade e para poder compreender melhor a área de intervenção e a posterior intervenção é necessário o entendimento de alguns questionamentos: O que são assentamentos precários? Por que se fazem necessárias intervenções de qualificação nessa cidade ilegal e sua regularização? Qual a origem dos processos de segregação urbana brasileira e seus desdobramentos na dinâmica urbana atual? Como os espaços públicos e livres surgem e se constroem nessa lógica de formação da cidade?

2.2 por que intervir

A consolidação das cidades informais, se dá em um primeiro momento em terrenos públicos, privados ou comunais na maioria das vezes de maneira irregular, sem registro formal de propriedade e com uso de materiais rudimentares. Com o passar dos anos novos materiais são introduzidos, a cidade informal se expande e alguns serviços públicos são implementados na área. entretanto é importante constatar que mesmo com alguns serviços de infraestrutura, essas áreas continuam sendo núcleos de precariedade urbana, vivendo as margens da cidade formal e sendo marcadas como territórios da irregularidade. Do ponto de vista jurídico, a falta de reconhecimento legal da posse da propriedade pode acarretar na impossibilidade da provisão de infraestruturas e de serviços na área, além de insegurança de posse e manutenção das comunidades no local, dificultando o acesso à moradia. Em relação as condicionantes sociais, a imagem das favelas como território disseminador da violência acaba estigmatizando seus moradores e com isso, a oferta de trabalho é negada, excluindo-os socialmente. Nos aspectos ambientais, os terrenos frágeis como em encostas íngremes e leitos e nascentes de rio, onde

se constroem esses assentamentos precários, são gradualmente degradados, casando perdas da biodiversidade e poluição. Referente à questão política, a ausência de poder público nessas áreas faz com que aconteça uma espécie de coronelismo político, em que se prevalece a troca de favores entre políticos, chefes do tráfico e população, os primeiros prometendo sempre mudanças estruturais nesses assentamentos. E por último a problemática econômica se faz presente devido à ilegalidade jurídica das moradias, o que gera perda de potencial receita, uma vez que a população é excluída dos sistemas oficiais de impostos sobre a propriedade, não pagando tributação. Outros fatores como o histórico de formação da sociedade e da distribuição fundiária também contribuem fortemente para a configuração atual dos assentamentos precários. Por essa razão os custos da informalidade são bastante elevados, o que torna obrigação do poder público em intervir nessas áreas a fim de reduzir as problemáticas existentes e impedir a proliferação de novas áreas precárias.

Os investimentos nessas regiões se fazem necessários para a garantia e o direito de exercício de moradia e cidadania. Intervir nesses espaços é construir uma cidade mais democráti-

ca e acessível e menos desigual. Dessa forma, na tentativa de mitigação dessas problemáticas históricas decorrentes desse modo de construção e consolidação da cidade, têm sido realizados nas cidades da américa latina conjuntos de intervenções urbanísticas, arquitetônicas e sociais. Essas melhorias devem ser pensadas por nós arquitetos, não só para melhorar a cidade, mas sim nas pessoas que ‘ao usufruir daquele espaço e em conjunto com elas. O espaço deve considerar a realidade do morador e suas necessidades para assim oferecer mais dignidade, segurança e qualidade de vida.

2.3 espaços livres na periferia

O tema central deste trabalho está voltado pra compreensão dos espaços livres na comunidade, sua formação, dinâmica e apropriação. Este item aborda o conceito de espaço livre público urbano para em seguida defini-lo em assentamentos precários.

espaços livres públicos

Os espaços livres urbanos, como Miranda Magnoli (1982) já definira, são os espaços livres de edificação; todos eles: quintais, jardins públicos ou privados, ruas, parques, rios, mangues e praias urbanas, etc. São espaços sem o qual não se concebe a existência das cidades, estão por toda parte, mais ou menos processados e apropriados pela sociedade; constituem, quase sempre, o maior percentual do solo das cidades brasileiras. Todos os espaços livres urbanos são objeto de interesse da área de paisagismo, indo, portanto, muito além dos jardins (Magnoli, 1982). Os espaços livres urbanos formam um sistema, apresentando, sobretudo, relações de conectividade, complementaridade e hierarquia. Entre seus múltiplos papéis, por vezes sobrepostos, estão a circulação, a drenagem, atividades do ócio, convívio público, marcos referenciais,

memória, conforto e conservação ambiental, etc. O sistema de espaços livres de cada cidade apresenta um maior ou menor grau de planejamento e projeto prévio, um maior ou menor interesse da gestão pública num ou noutro subsistema a ele relacionado. A noção de sistema de espaços livres aqui adotada abrange um escopo muito maior que o do “sistema de áreas verdes”. Espaços livres e áreas verdes frequentemente ainda se confundem no Brasil; muito em função da cultura anglo-saxônica na área de paisagismo, presente nos quadros técnicos e acadêmicos do país, que privilegia os parques e demais áreas verdes e nem sempre observa a maior complexidade dos sistemas de espaços livres urbanos.

O espaço livre público pode ser considerado como “o espaço da vida comunitária por excelência” (Magnoli, 2006). Nele são realizadas as atividades de apropriação pública e utilidade pública e dão identidade a uma cidade ou bairro.

Palcos do espetáculo urbano e das atividades, os espaços livres públicos podem ser compreendidos como símbolos da identidade coletiva e da manifestação da história e acontecimentos políticos, espaço da expres-

são coletiva da vida comunitária, da visibilidade dos diferentes grupos sociais, do espaço da afirmação ou da confrontação, espaços de participação e comunicação.

espaços livres em assentamentos precários

A concepção dos espaços livres em áreas precárias se dá de forma distinta daquela conhecida na cidade formal. Sua construção e consolidação em assentamentos precários se dá primeiramente a partir da ocupação espontânea dos lotes para a construção de moradias, de forma orgânica. Geralmente esses assentamentos possuem alta densidade construtiva, poucos vazios e um desenho orgânico da malha, com vias curvas e estreitas.

A lógica de implantação dessas ocupações está firmada no maior aproveitamento do solo, buscando uma grande quantidade de habitações por metro quadrado. Dessa forma, os espaços livres são gerados a partir de espaços residuais desse tipo de ocupação predatória da quadra. Os resultados desses agrupamentos da quadra tradicional configuram espaços livres no interior do lote, sendo quintais das casas, de uso privativo e acabam

gerando situações de becos e vielas no interior da quadra.

As vias resultantes desses parcelamentos ficam sendo destinadas ao uso coletivo, e além da circulação são apropriadas de forma distinta pelos moradores devido à carência de áreas livres nas habitações e no próprio bairro precário. As ruas, becos e vielas possuem grande potencialidade de sociabilização, podendo esses pequenos espaços, quando alvos de intervenção, assumir formas de convívio e lazer dos usuários.

Outra consequência dessa apropriação desordenada dos lotes e ruas e a carência de áreas verdes, que além de oferecem um espaço ao lazer, poderiam amenizar o calor e a poluição desses bairros.

Espaços livres públicos são ainda de extrema importância como espaços políticos de exercício da cidadania e civilidade, possibilitando a reunião de movimentos sociais e manifestações, possibilitando a troca de debates e opiniões.

a rua como extensão da casa

Na cidade formal, a partir do século XX com a elaboração de novos planos urbanos

para o traçado das cidades modernas, a rua passou a ter um caráter essencialmente de circulação, de pessoas e veículos, de largura consideráveis e extremamente funcionalista. Para Jane Jacobs a perda da função da rua como articuladora de usos, se deu por meio do entendimento e execução das vias como elementos de separação das atividades, negando a forma tradicional de desenvolvimento da cidade e suas relações. A rua da cidade formal perdeu então seu papel de sociabilidade, a medida que esta não proporcionava mais encontros e trocas sociais, apenas a passagem de um ponto ao outro do território.

Entretanto, na cidade informal, as relações de sociabilidade da rua foram mantidas conforme os assentamentos foram se configurando sem nenhuma forma de planejamento ou ordenação dos espaços. A escala adotada na formação desses espaços foi a escala humana, e os construtores, seus próprios moradores, resultando em locais de extrema sociabilidade e contato humano.

Outros espaços de uso coletivo, como praças, quando existentes tornam aglutinadores de pessoas e uso e conferem centralidade ao bairro, concentrando atividades comerciais para sobrevivência dos moradores

como as feiras ao ar livre e barraquinhas de alimentos.

Os fatores que tornam as vias grandes corredores de sociabilidade podem ser atribuídos pela demanda por espaços nas residências: como as habitações são extremamente pequenas, faltam espaços para o desenvolvimento das atividades domésticas como locais para estender a roupa ou espaço para as crianças brincarem. Dessa forma, calçadas e vielas servem como uma extensão da casa para a realização dessas atividades. As portas, janelas e degraus das residências oferecem apoio a essas atividades cotidianas de descanso e do olhar, sendo também locais para sentar e trocar conversas. Outras funções estão ligadas a apropriação provada por comércios, uma vez que calças abrigam mesas e cadeiras dos estabelecimentos. As ruas também podem ser fechadas para a realização de atividades temporárias, como feiras, festas e manifestações.

Outra condição que favorece sua apropriação é a falta de equipamentos de lazer, cultura e esporte nessas localidades, resultando no encontro de jovens nas ruas para atividades recreativas e lúdicas nas ruas e vielas dos assentamentos. A conversa, as brincadei-

ras e os usos distintos desse ambiente público criam relações de sociabilidade essenciais pois possibilitam trocas comerciais, sociais e culturais.

Outro espaço muito utilizado com extensão da atividade dos moradores nas comunidades é a área da laje. A laje traz inúmeras possibilidades para o seu dono, valendo ressaltar que nem sempre o dono da construção é dono da laje, uma vez que a mesma é muito valorizada para expansão. Pode ser compartilhada entre os moradores de uma edificação servindo de lavanderia, área para estender as roupas e área de lazer. O lazer, como churrascos e outros festas são os principais eventos nessas lajes e muitas podem ser até alugadas.

pracialidades

O espaço público para ter vida não necessita apenas ser um belo lugar, definido por um bom desenho ou uma vista interessante. Isso não é suficiente e nem condição necessária. Da mesma maneira que muitos espaços privados negam o espaço público, existem muitos projetos de espaços públicos que visam à passagem e locomoção e não à permanência de indivíduos nos locais, enfraquecendo a

vida pública. Observam-se nas grandes metrópoles algumas praças monumentais, com desenhos marcantes, mas que permanecem vazias, subutilizadas, criando locais de perigo para a população. Muitas delas são localizadas em espaços onde a vida pulsa e poderiam estar servindo à população não apenas como um belo lugar para se ver, mas como um lugar para se viver, para interagir com outras pessoas. Segundo Janes Jacobs (2000): “É tolice planejar a aparência de uma cidade sem saber que tipo de ordem inata e funcional ela possui. Encarar a aparência como objeto primordial ou como preocupação central não leva a nada, a não ser problemas”. A praça contemporânea, quando marcada por um design fundamentado apenas na visualidade da paisagem, quase nunca é capaz de estabelecer-se como lugar de convívio na esfera pública, da ação comunicativa, da *vita activa* (Queiroga, 2003).

Como uma categoria de entendimento dos lugares, conceitua-se o termo “pracialidade” (Queiroga, 2001): situações de pracialidades poderão ocorrer em diferentes logradouros, além daqueles oficialmente denominados praças ou largos, em razão de apropriações eventuais ou cotidianas que transcendem a

funcionalidade mais específica do sistema de objetos e transformam em espaço de encontro e convívio públicos, de manifestações populares, da política lato sensu, da constituição cultural dos lugares, da razão comunicativa, vivida cotidianamente. Verificam-se, portanto, locais que apresentam forte pracialidade e que não necessariamente precisam ser propriedade pública, mas que se transformam em espaços de encontro e de manifestação pública.

Assim se apresentam inúmeros campos de futebol nas periferias metropolitanas, ao menos aos domingos; alguns edifícios, dado seu amplo acesso público, entre outros. Na periferia, a ausência de espaços projetados para ócio e convivência faz que situações de “pracialidades” ocorram com grande frequência. Esses espaços são produzidos pelos próprios moradores que fazem da frente de um barzinho, ou do campinho de futebol, um ambiente acolhedor, concebidos e executados por meio de um design popular.

“Eu venho andando todo dia. Demoro 50 minutos.”
“Um problema muito grande é mobilidade. (Kerollay aponta para Tamires com o pé enfaixado)”
“Falta muita coisa aqui na Paraisópolis, falta um lugar pra gente passar tempo, se divertir.”

Kerollay, Priscila, Liciane e Tamires
alunas do Ballet de Paraisópolis, entrevistadas
durante a fase de pesquisa



Imagem 1: Da esquerda para direita, Kerollay, Priscila, Liciane e Tamires aguardando o ensaio
Fonte: Acervo Pessoal 2017



3.paraisópolis

3.1 a cidade
paraíso

3.2 origem

3.3 aspectos
demográficos

3.4 aspectos físicos

3.5 bairros

3.6 esporte e lazer

3.1 cidade paraíso

A Paraisópolis que, com população estimada em 57 mil habitantes¹), lado a lado com Heliópolis, está atualmente entre os maiores conjuntos de bairros precários do município de São Paulo, sendo emblemático por sua localização no distrito do Morumbi, na Subprefeitura do Butantã, Zona Oeste do município de São Paulo, que faz dele um enclave num entorno de bairros paulistanos de classe média alta.

Em função de sua população e variedade de situações socioespaciais, podemos dizer que o Complexo de Paraisópolis (que engloba a favela Jardim Colombo, Porto Seguro e a Paraisópolis) se configura praticamente como uma cidade, maior inclusive do que muitas cidades brasileiras e que tem, assim, pluralidade característica de qualquer núcleo urbano.

Trata-se de uma cidade que pos-

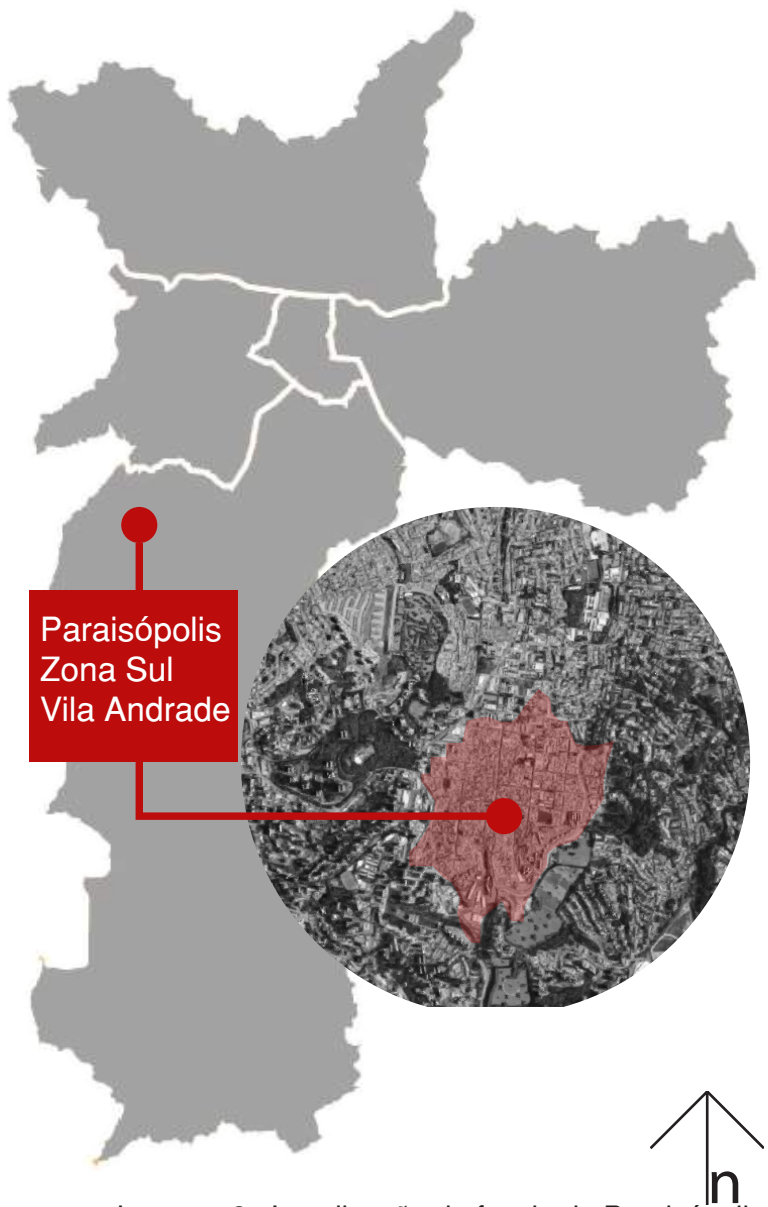


Imagem 2 : Localização da favela de Paraisópolis
Fonte: Elaborado pela Autora

¹ Segundo dados oficiais da Prefeitura da Cidade de São Paulo/ Secretaria de Habitação/ Habita SAMPA, são 17.159 domicílios. Se considerarmos uma média de 3,3 pessoas/domicílio, tem-se uma população aproximada de 56,6 mil habitantes (A média vem dos dados do Censo 2010). Contudo, a União de Moradores e do Comércio de Paraisópolis estima um total de 100 mil habitantes, segundo os atendimentos da sede.

sui laços com seu entorno, dito formal, em função de trabalharem nele muitos dos moradores do Complexo.

Existem áreas em Paraisópolis que têm um nível de consolidação maior do que outros, sendo que existem trechos urbanizados em sua totalidade, com infraestrutura e equipamentos, dentre os quais os novos conjuntos habitacionais; mas há áreas com condições piores no que diz respeito à presença de resíduos e lançamento de dejetos; há setores onde não se recomenda caminhar sem a companhia de lideranças locais; por outro lado, há lojas e ruas frequentadas por pessoas que não moram no Complexo, como a Melchior Giola, Ernest Renan a Pasquale Galluppi, vias de comércio intenso, instaladas na cumeada que divide aquele trecho de Paraisópolis em duas vertentes: a do Grotinho e a do Grotão.

Morar em Paraisópolis é não precisar “ir à cidade” para fazer compras. Encontra-se de tudo por lá: manicures e cabeleireiros, pet shops com entrega a domicílio, restaurantes, lojas de roupas, clínicas odontológicas, clínica de saúde particular, creches e comércio de todo o tipo. Bancos privados como o Bra-

desco, Santander e Banco do Brasil ali instalados colaboram para a transformação e percepção da importância econômica do dinamismo do Complexo, cujo comércio possui mercados, hortifrutigranjeiros, perfumarias que sorteiam carro zero km no final de ano, além do milho e churrasquinho “na calçada”.

Paraisópolis é conhecida também pela oferta de eventos e espaços culturais e se tornou a “Paraisópolis das Artes”, que possui um Circuito Cultural que é feito a pé pelo Complexo. Pode-se visitar a oficina de Berbela, a casa de garrafa Pet e até o Gaudi Brasileiro. Temos ainda diversas ONG’s de educação, cultura e esporte, como o premiado ballet, a orquestra e os leões do rugby.

3.2 origem

O Complexo está implantado em loteamento irregular que teve seu início em 1921 através da União Mútua Companhia Construtora e Crédito Popular S.A., em parte da antiga Fazenda do Morumbi. Hoje está junto a um dos bairros mais ricos e com distinção socioeconômica da cidade de São Paulo, numa região marcada pela proximidade com o Estádio do Morumbi e pelas avenidas Giovanni Gronchi e Morumbi, onde estão dois grandes cemitérios (Getsheimani e Morumbi) que representam uma mancha de áreas verdes contíguas ao Complexo, mas de acesso restrito. No projeto original do loteamento não houve destinação de espaços públicos, com exceção do sistema viário que, hoje, em função da ocupação por parte de construções, tem larguras reduzidas e estreitas calçadas que não cumprem sua função de mobilidade com qualidade no deslocamento dos moradores.

A ocupação do espaço tem origem em um loteamento, ocorrido em 1921, de parte da antiga Fazenda do Morumbi, propriedade da família Dedenrichesen. O loteamento foi aprovado em meados de 1922 e apresentava 2.200 lotes, inseridos em quadras com

dimensões fixas de 200 m x 100 m, implantados em malha ortogonal que desrespeita por completo a topografia (imagem topografia) marcante da região, com encostas íngremes e fundos de vale. No entanto, a falta de infraestrutura fez com que muitos proprietários abandonassem seus lotes, que passaram a ser ocupados irregularmente.

No final da década de 1960, o crescimento imobiliário da região intensificou a ocupação irregular de Paraisópolis. Nessa época, a região do Morumbi passou a concentrar moradias de alto padrão, que ofereciam trabalho para a população que ali residia. Em 1968, foi aprovada a Lei de Zoneamento Geral do Município, a qual contemplou a área de assentamento de Paraisópolis. Concomitantemente, houve a construção do Estádio do Morumbi, que durou de 1952 a 1970, época em que o bairro estava em desenvolvimento e havia escassas áreas construídas.

Nas décadas seguintes, obras públicas no entorno da região (Águas Espraiadas, Brooklin, Real Parque) provocaram o êxodo de várias famílias que residiam nessas regiões e foram morar em Paraisópolis, situação

que provocou um adensamento no local e contribuiu para o surgimento de duas outras favelas: Jardim Colombo e Porto Seguro.

Paralelamente, na década de 1970, hou-

ve intensificação do movimento migratório. Famílias vindas de estados da região nordeste passaram a ocupar o lugar, instalando-se rapidamente, formando grandes agrupamen-

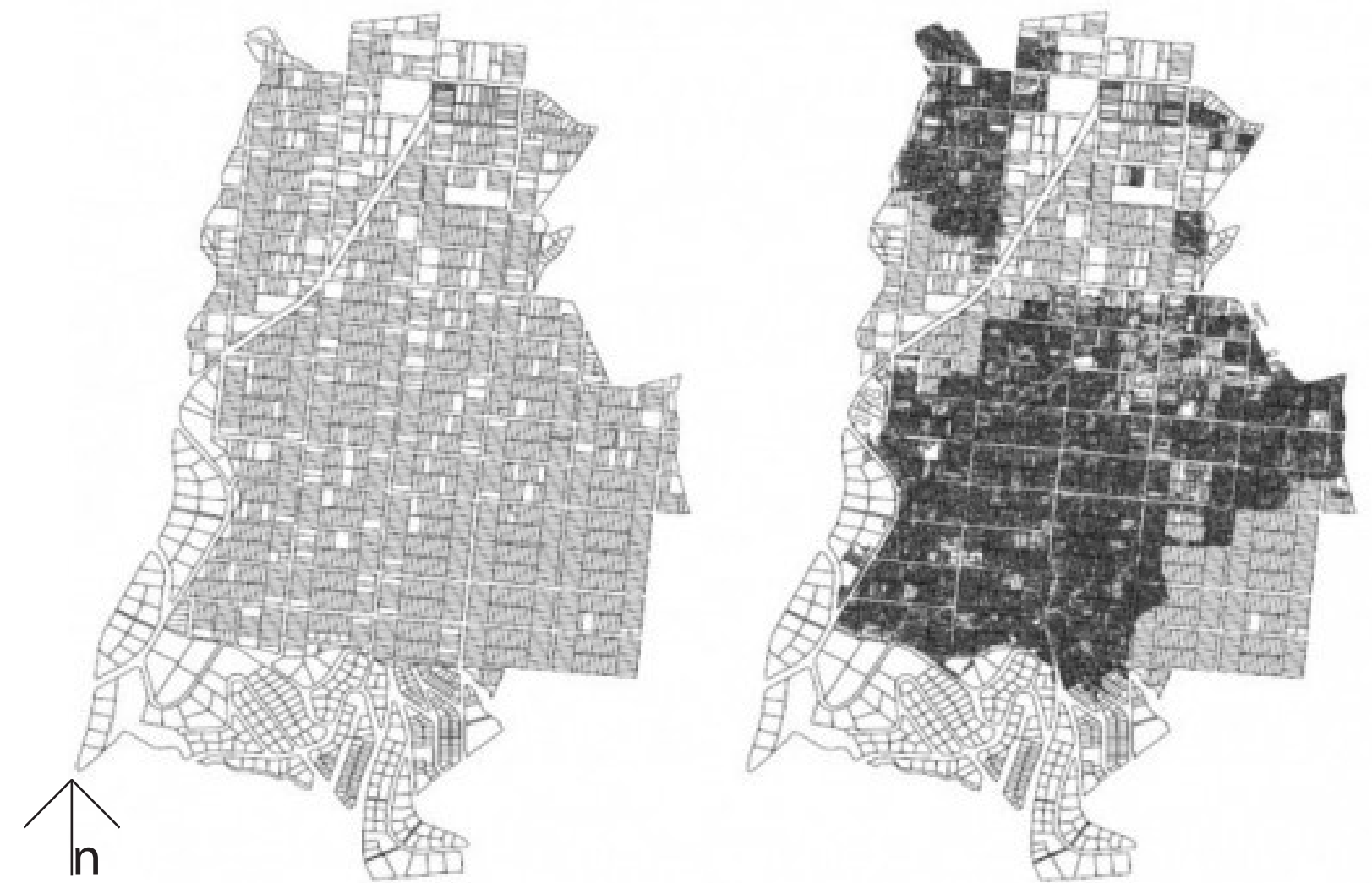


Imagem 3: Projeto original do loteamento de Paraisópolis, apesar de irregular, oficializado em 1968 pela lei municipal 7.810 e ocupação atual sobreposta ao traçado original

Fonte: PORTAL VITRUVIUS. Projeto Urbano do Córrego do Antonico. Projetos, São Paulo, ano 12, n. 1

tos de habitações populares.

Esse rápido adensamento causou problemas estruturais, pois não havia instalação de recursos de saneamento básico, iluminação, calçamento e organização das ruas.

Em 1975, a prefeitura elaborou um plano de reurbanização que previa, com concordância dos proprietários, a desapropriação do espaço, que não foi concretizada por causa da falta de recursos orçamentários e financeiros. Em 1979, o governo do Estado realizou 20% das ligações de energia elétrica em Paraisópolis.

Nos anos de 1980, enquanto continuava o movimento migratório, um arranjo entre as elites moradoras do entorno e o poder público ameaçou remover Paraisópolis para a construção de um complexo viário. Em 1983 foi criada a União dos Moradores da Favela de Paraisópolis como reação a essa iniciativa. Embora tenha sido criada uma comissão integrada, vinculada ao gabinete do prefeito, para realizar estudos de urbanização da área e de remoção das famílias, nenhuma ação foi praticada. O crescimento demográfico de Paraisópolis e a articulação interna dos moradores dificultavam a remoção da favela. No final da década de 1980 e no começo da de

1990 várias organizações não governamentais começaram a atuar em Paraisópolis.

Em 1994, a prefeitura propôs a remoção das famílias de Paraisópolis para o Projeto Cingapura visando a implantação de um plano viário, porém novamente os moradores rejeitaram a proposta. Em 1998, a prefeitura executou obras de urbanização no local e elaborou um projeto de lei para operação urbana em Paraisópolis, mas o projeto não foi aprovado.

Nos anos 2000, orientada pela União dos Moradores, a população local se mobilizou para obter do poder público melhoria da infraestrutura. Como resultado, a prefeitura instalou redes de água, esgoto e drenagem, pavimentação das vias (ruas, escadas e vielas), iluminação pública, rede de telefonia, entre outros serviços resultantes do Programa de Reurbanização de Favelas. Apesar de todas essas melhorias, em razão da desorganização dos lotes (moradia que ocupa partes de terrenos diferentes) e da ocupação de terreno particular, o documento de posse da habitação era difícil de adquirir.

O abandono dos lotes pelos proprietários originais na maior parte das vezes foi acompanhado pela desistência do pagamento do

IPTU. Poucos proprietários quiseram requerer na justiça, e os processos existentes encontram-se quase todos arquivados, favorecendo a regularização por meio de ação judicial de usucapião.

No entanto, em 2005, a prefeitura passou a permitir que donos de terrenos do loteamento original de Paraisópolis que tivessem dívidas de IPTU ou outras multas com a prefeitura pudessem doar esses lotes à municipalidade em troca do perdão dessas dívidas. Nesse momento foi iniciado um processo de urbanização e regularização dos imóveis construídos ilegalmente.

Imagem 4: Vista da Paraisópolis a partir da Avenida Giovanni Gronchi
Fonte: Acervo Pessoal 2013



3.3 aspectos demográficos

A localização da comunidade de Paraisópolis em meio aos bairros nobres da cidade de São Paulo coloca seus moradores em uma posição relativamente privilegiada no mercado de trabalho. Com uma densidade demográfica de 746hab/ha eh 10 vezes mais densa do que a cidade como um todo.

Segundo a Associação de Moradores, 78 % da população economicamente ativa de Paraisópolis trabalha no distrito do Morumbi e redondezas,com um rendimento médio de ate 2 salários mínimos.

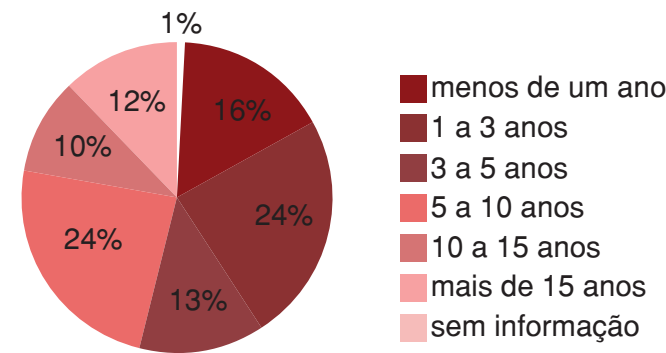
Em relação à idade, mais da metade da população tem entre 15 e 39 anos, e 33 % tem entre 40 e 64 anos, sendo então um grande contingente de força de trabalho, que produz e consome.

Uma mudança significativa no perfil da comunidade é em relação aos migrantes e ao naturais do município que a compõem. Hoje os migrantes são apenas 30% da população, sendo que 77% já residem em São Paulo há mais de 10 anos. Esse fenômeno foi identificado por Pasternak¹ nas favelas de modo geral, sendo comum encontrar de duas até três gerações de uma família vivendo na mesma comunidade. Em Paraisópolis 53% das famílias estão instaladas no local a pelo menos 5 anos enquanto apenas 16% está há menos de um ano.

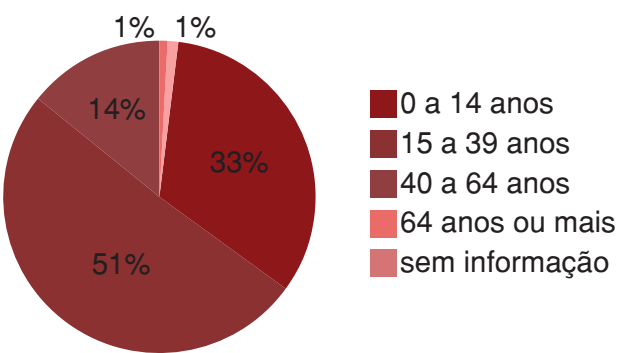
As famílias têm em média 4 membros.

¹ PASTERNAK, Suzana. Espaço e População nas Favelas de São Paulo,2016.

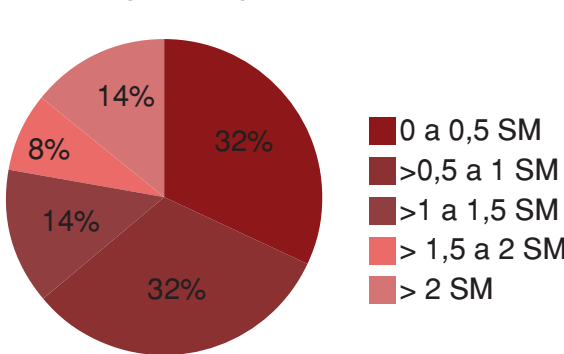
Famílias X Tempo de Moradia



Habitantes x Faixa Etária



Renda per Capita



Família X N de componentes

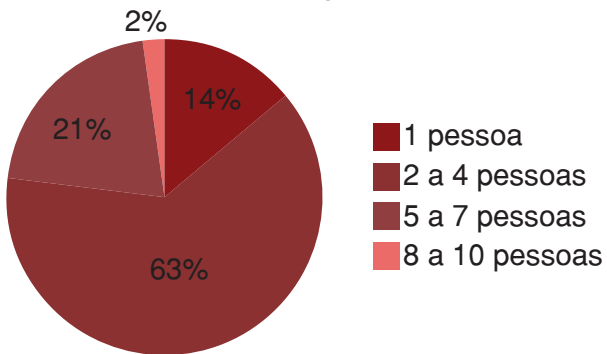


Imagem 5: Dados do IBGE Censo de 2015
Fonte: Elaborado pela Autora

3.4 aspectos físicos

Os limites físicos de Paraisópolis se configuram por barreiras topográficas. A região é bastante acidentada, com declividades predominantes de até 30%, mas que em algumas áreas podem ultrapassar 60%.

A favela teve seu início com ocupações na pequena planície que hoje é denominada Centro, passando depois para as margens dos córregos Brejo e Antonico, no caso do

Antonico limitando-se a cota mais alta onde encontra a avenida Giovanni Gronchi. Ao sul ergue-se uma crista na cota média 805m que contorna duas grotas, depressões geográficas chamadas Grotão, na cota média de 755m, e Grotinho, na cota média 770, as últimas a serem ocupadas e as mais precárias da comunidade devido ao difícil acesso e a grande declividade.



Imagem 6: Esquema das tipologias de quadra de Paraisópolis. O bairro do Morumbi seguiu as curvas de nível existentes enquanto o loteamento de Paraisópolis ignorou a declividade natural e criou um traçado ortogonal, o que resultou em laçadas muito inclinadas.

Fonte; GOMES, Julia. Paraisópolis: O Espaço Público na Urbanização de Favelas, 2016

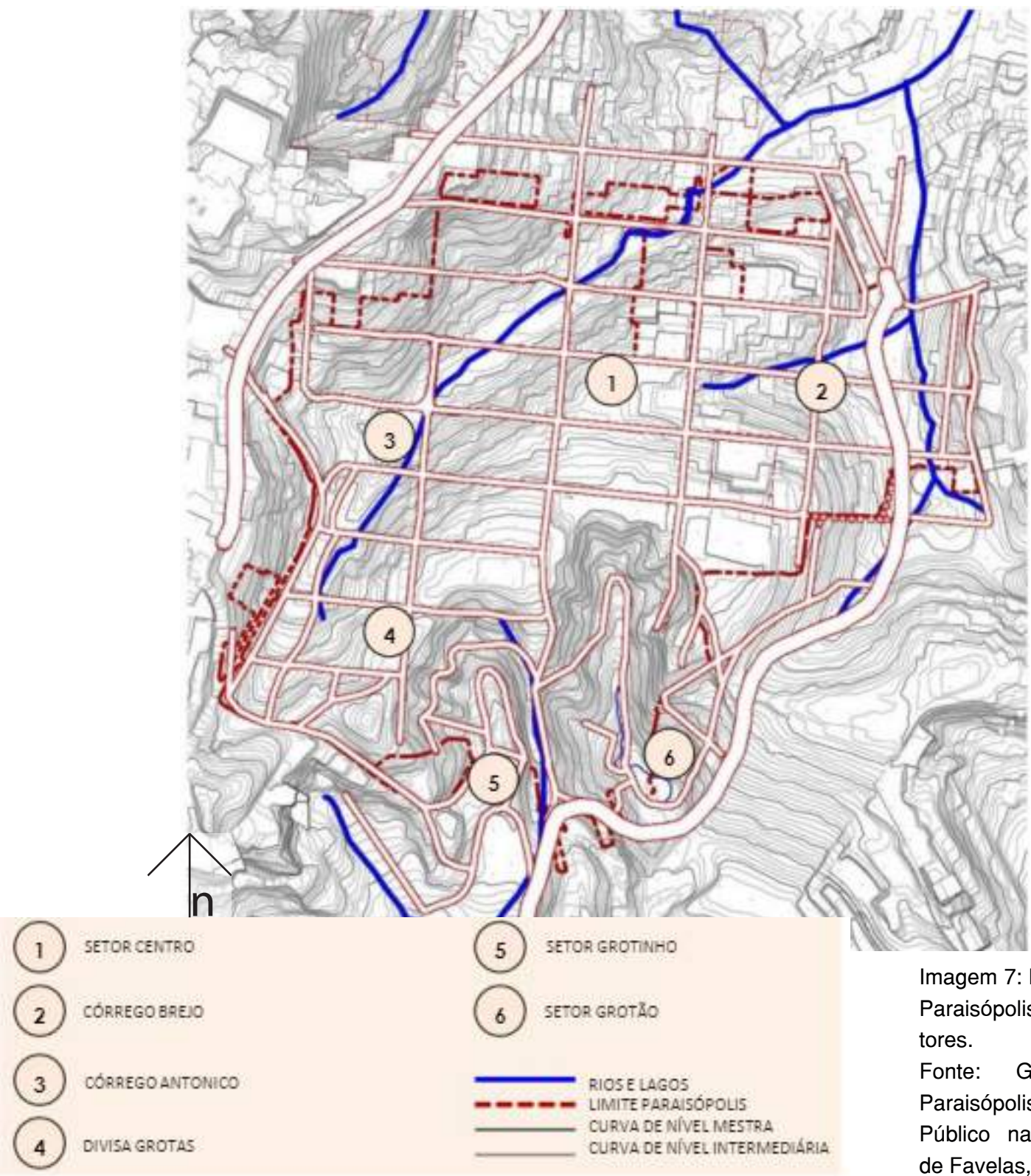


Imagem 7: Mapa físico de Paraisópolis com seus setores.

Fonte: GOMES, Julia. Paraisópolis: O Espaço Público na Urbanização de Favelas, 2016.

3.5 bairros

Paraisópolis tem a dimensão populacional de uma cidade do interior, e por isso é compreensível que tenha áreas com características bem diversas. Assim, a favela se divide em 5 “bairros” ou setores, são eles:

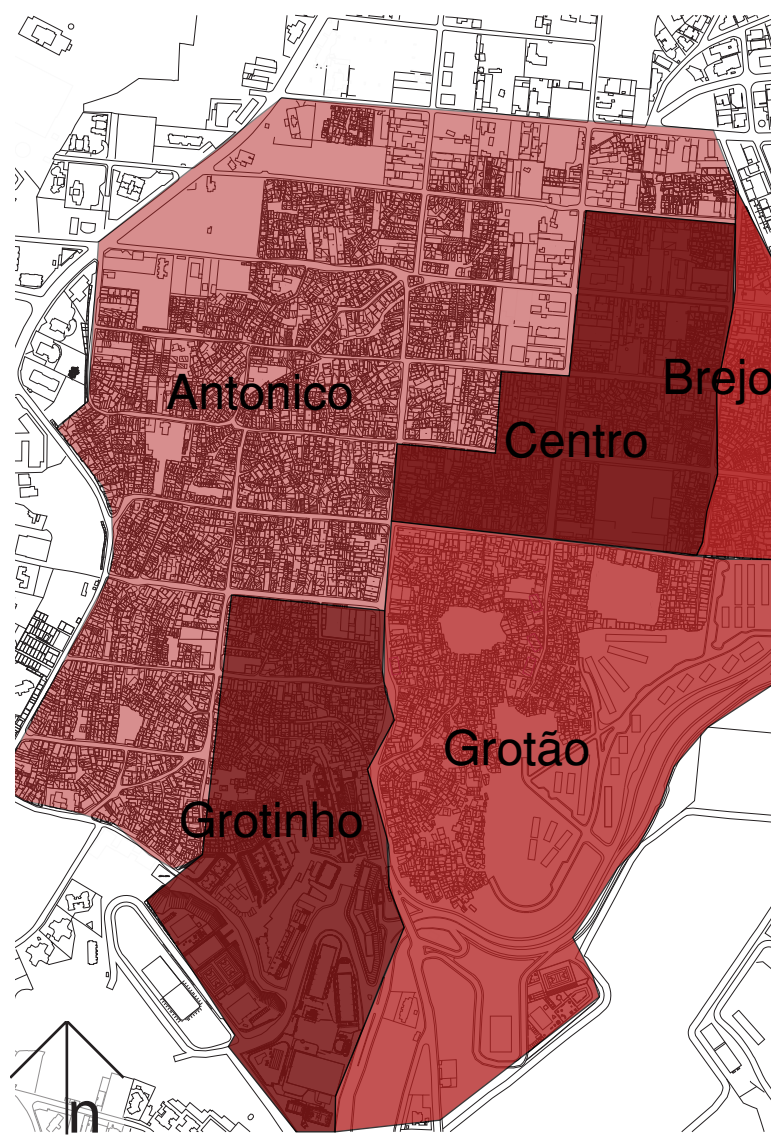


Imagem 8: Paraisópolis e seus bairros. Sem escala.
Fonte: Elaborado pela autora.

centro

O setor mais antigo de Paraisópolis é também o com melhores condições topográficas e mais consolidado, e composto principalmente por edificações de alvenaria, normalmente com 2 a 3 pavimentos e com melhores condições de habitabilidade. O traçado viário é um dos mais preservados e bem cuidados pelas ações de urbanização da Prefeitura.

Apresenta uma variedade de comércios e serviços, como a unidade local das lojas Casas Bahia, que emprega majoritariamente moradores locais, muitas lojas de construção e restaurantes. E também onde estão localizadas diversas ONG's e projetos sociais e uma unidade do hospital Albert Einstein para atender a comunidade. Ainda nesse perímetro está localizada a sede da União dos Moradores, o Bom Prato e a feira livre.

brejo

É composto pelas edificações que margeavam o córrego do Brejo, que foi canalizado a época da construção da Avenida Hebe Camargo. Devido à abertura desse via também foram construídas uma ciclovia, amplas

calçadas com áreas verdes e espaços de convivência no trecho do córrego e para isso foram removidas as habitações lindeiras ao córrego, resultando na diminuição do risco de alagamento e da poluição do córrego que antes servia de esgoto para essas casas naquele momento. Atualmente vários trechos foram tomados por novas construções e entulho criando um estrangulamento caótico e desordenado para quem passa de ônibus e carro pela região.

A avenida Hebe Camargo se tornou uma importante meio para mobilidade, pois possibilitou a inserção de novas linhas de ônibus e micro-ônibus para atender a comunidade.

grotinho e grotão

São os setores correspondentes às grotas, áreas com declividades muito acentuadas. São os mais degradados da comunidade, apresentam muitas habitações precárias feitas de chapas de madeira e papelão sem ligações de esgoto e água, ocupando as encostas e os fundos de vale, onde ocorrem risco de desabamento e alagamento. Pela sua configuração e uso de materiais é uma área

que sofre com incêndios de grande porte. Ao invés do traçado original, rígido e ortogonal, que nesta região resultaria em declividades muito altas, percebe-se vias mais orgânicas muitas vezes construídas pelos próprios moradores. Atualmente está em construção o Parque Sanfona, que segue o traçado natural das cruvas de níveis, em uma área outrora ocupada por muitas construções de madeira que sofria com deslizamentos frequentemente.

Foram os setores que receberam a maior parte das intervenções e equipamentos produzidos pelo plano de urbanização, ressaltando o polo educacional — uma FATEC, duas EMEI's, um CEU e uma creche —, e a maioria dos conjuntos habitacionais construídos.

antonico

O bairro do Antonico será tratado no próximo capítulo, sendo a região escolhida para a intervenção.

3.6 esporte e lazer

O distrito da Vila Andrade, na qual está localizado a comunidade de Paraisópolis está localizado na zona sul da capital tem a pior colocação em quantidade de equipamento publico esportivo municipal com apenas um centro de esportes para 172 mil moradores, segundo o Mapa da Desigualdade 2017.¹

O bairro é vizinho do Estádio do Morumbi e de muitas quadras de tênis e futebol particulares. Segundo, Joildo Santos, tesoureiro e diretor de comunicação da União dos Moradores e do Comércio de Paraisópolis são poucos os espaços existentes para a prática esportiva e são usados de forma intensa pelos moradores.²

O equipamento mais utilizado e que e ponto de referencia na comunidade e o Campo da Palmeirinha. O campo abriga jogos de futebol, campeonatos externo s e ainda varias ongs com a Rugby para todos, que ensina menino e meninas a jogar rugby, alem de aulas de ingles, acompanhamento fisico e nutricional.

1 <http://www.nossasaopaulo.org.br/tags/mapa-da-desigualdade>

2 <http://32xsp.org.br/2017/11/07/educacao-tambem-e-feita-pelo-esporte-diz-morador-da-vila-andrade/>

O entorno da comunidade de Paraisópolis é muito rica em áreas verdes e arborizadas, que contrastam com seu interior. As áreas verdes próximas fazer parte de empreendimentos privados como condomínios e são de acesso restrito. Os parques públicos mais próximos são o Parque Burle Marx e o Chácara do Jockey.

O percurso para o parque Burle Marx, que está mais ou menos a uma distância de 3 km,em um dia de domingo, demora:

- 8 min de carro
- 48-53 min de transporte público
- 39 min andando
- 16 min de bicicleta

O percurso para o parque Chácara do Jockey, que está mais ou menos a uma distância de 4 km,em um dia de domingo, demora:

- 12 min de carro
- 46-50 min de transporte público
- 47 min andando
- 19 min de bicicleta³

3 Dados simulados no Google Maps, para uma manhã de domingo



Imagem 9: Obra de construção do Parque Sanfona. O local era ocupado e corria risco de deslizamento. Após remoções, foi ocupado novamente até a ocorrência de um incêndio em 2017.Obras foram retomadas em 2018.
Fonte: Acervo Pessoal 2018



4. o recorte
4.1 antonico

4.1 antonico

Ao se adentrar o Complexo Paraisópolis nos dias de hoje, olhar suas encostas ocupadas, observar a grande densidade das casas avermelhadas agrupadas entre si, implantadas junto ao sistema viário estreito e frenético, torna-se quase impossível imaginar como era a paisagem daquela região décadas atrás. Também difícil pensar que cruza o Complexo por mais de um quilômetro, o córrego conhe-

cido como Antonico, no meio de várias quadras completamente tomadas por edificações, em grande parte “consolidadas” em alvenaria.

Ainda no que se refere à apontada pluralidade de situações socioespaciais em Paraisópolis, há a ocupação com uso predominantemente residencial ao longo do córrego do Antonico, que atravessa Paraisópolis no miolo das quadras do loteamento original,



Imagem 10: Pequena horta na região do córrego do Antonico

Fonte: Acervo pessoal 2018

nas bordas das quais vemos moradias consolidadas mas que, à medida que se avança no seu interior através de vielas, tornam-se precárias e sem infraestrutura. Nas ruas Pasquale Gualuppi está um importante corredor comercial e de serviços que atraem a comunidade e visitantes de fora.

A região do Antonico é alvo de inundações, devido as construções que obstruem os córregos e incêndios periódicos, estes últimos em função da ausência de rede oficial de energia elétrica associada a moradias precárias em madeira.

Para elaboração do projeto foram escolhidas três quadras subsequentes localizadas nesta região, totalizando cerca de 6 hectares e com uma desnível de 30 m a partir do córrego do Antonico até seu ponto mais alto. Estas quadras possuem grandes densidades mas também muitos vazios interquadras no formato de vielas



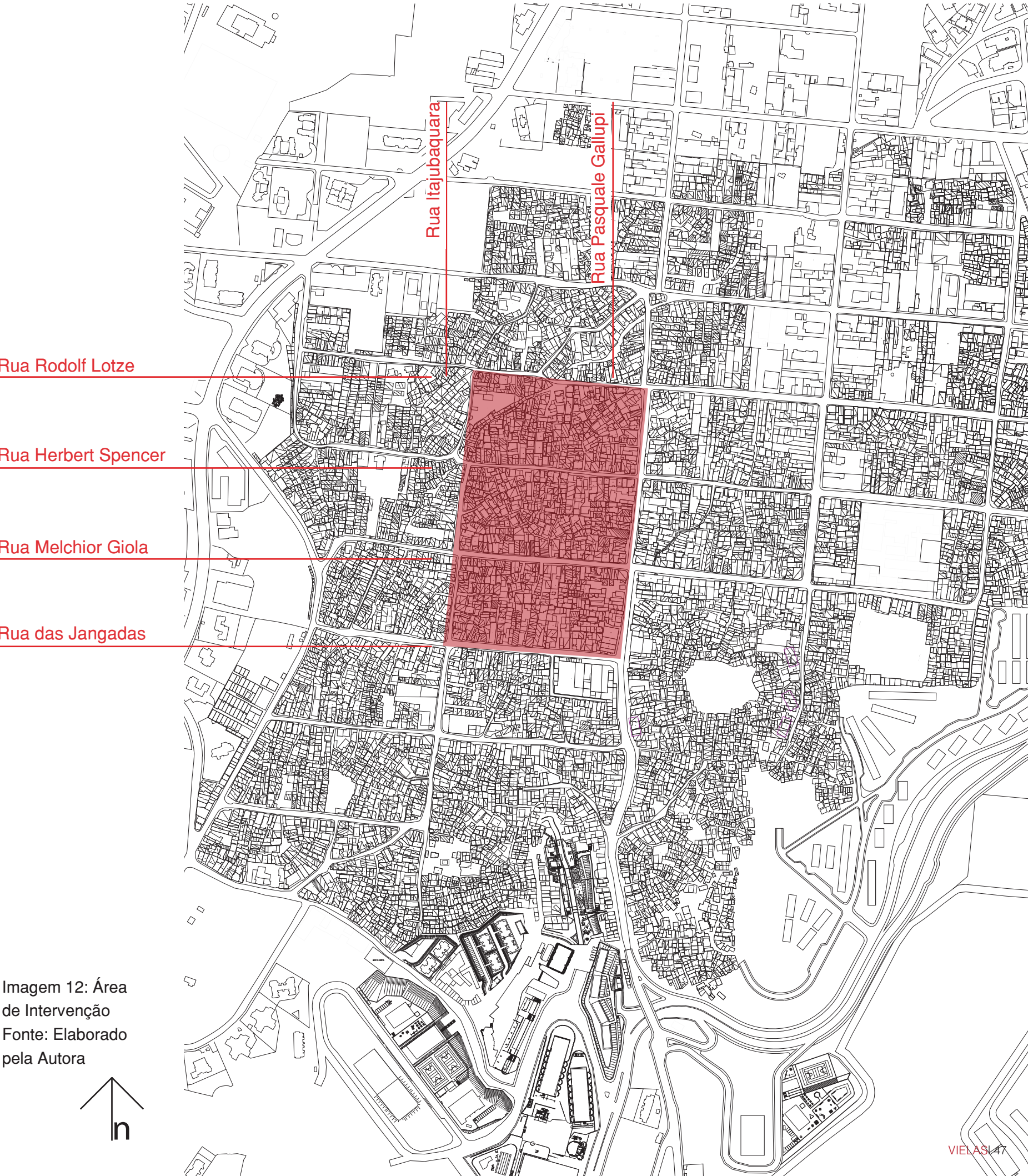
Imagem 11: Esquina com vasos na região do córrego do Antonico

Fonte: Acervo pessoal 2018

e pequenas vilas. Estão em uma situação que pode generalizar os aspectos mais comuns da comunidade: falta de equipamentos, calçamento precário, falta de infra-estrutura e áreas de lazer. São ladeadas pelas ruas Pasquale Gualuppi e Itajubaquara, paralelas a avenida Giovanni Gronchi e as ruas Rodolfo Lotze, Melchior Giola e das Jangadas transversalmente.

As quadras foram escolhidas como modelo por apresentarem um gama de conflitos e potencialidades que podem ser identificados em quase toda a Paraisópolis.

Imagem 12: Área de Intervenção
Fonte: Elaborado pela Autora



VELA
MANDAGUARI



CO
MAT
E



5.vielas

5.1 levantamento

5.2 tipologias

5.1 levantamento

Paraisópolis possui dois tipos contrastantes de vias, o primeiro e representado pelas vias que compõem a malha ortogonal, produto do parcelamento original do terreno, e se assemelham muito as vias da cidade formal, asfaltadas e com delimitação de fluxos-calcada e leito carroçável. São as portas da favela- se conectando as avenidas Giovanni Gronchi e Hebe Camargo – e seu elemento estruturante, dividindo o terreno em quadras regulares e facilitando a permeabilidade e orientação em um tipo de ambiente que em outros casos se apresenta caótico e labiríntico. Devido ao descaso do projeto original com as características do sítio, são ruas de altas declividades.

De modo geral se apresentam como o principal concentrador de fluxo da favela, e as edificações lindeiras são as que apresentam as melhores condições, por muitas vezes sobrados, em sua grande maioria com revestimento e que concentram em seus térreos atividades comerciais como lojas, dentistas, cabeleireiros, cursos de inglês e lojas de materiais de construção para as habitações que não param de verticalizar.

Suas características originais foram mantidas em maior ou menor grau dependendo do

setor da favela, mas em alguma áreas suas calçadas foram tomadas por barracos, pequeno comércios, carros e placas, dificultando o intenso fluxo de pedestres que acaba disputando o espaço com carros, motos e micro-ônibus que ali circulam.

O segundo tipo de via existente são as vielas, objeto central de estudo deste projeto. Fruto do adensamento desordenado das quadras, são espaços residuais entre as construções e estão em constante mudança. As vielas traduzem o crescimento orgânico e constante com escadarias e becos sem saída.

Durante as visitas de campo foram levantadas as ruas e vielas existentes nesses quadras, registrando suas qualidades físicas e de apropriação pelo moradores, através de mapas e fotos. Após análise e combinação de características foram determinadas sete tipologias de vias. Foram levadas em consideração a largura das vielas, a iluminação, a infraestrutura existente mas principalmente suas particularidades, características e qualidades marcantes. Uma viela pode ser larga e ao mesmo tempo não ser confortável e estimular seu uso pelos moradores enquanto uma viela mais estreita pode estimular encontros ou até brincadeiras de crianças.

O mapa total 39 vielas, suas características e nomes quando possível. Muitas vielas tem números como nomes, enquanto outras levam o nome do seu morador mais antigo, além de nomes indígenas e poéticos. O mapa ao lado localiza todas as vielas e seus nomes.

como funciona o correio?

O morador Weydisson Nascimento dos Santos informou que a entrega dos correios ocorre normalmente. Quando o carteiro não encontra a casa, a correspondência é deixada em uma caixa de correios “comum e partilhada”. Ao dar seu endereço os moradores colocam o número da casa, e o nome ou número da via como complemento



Imagem 13:
Vielas levanta-
das
Fonte: Elabora-
do pela Autora
Esc: 1:1000

5.2 tipologias a rua democrática

A rua na favela é cenário das mais diversas atividades. via para os caminhões de cimentos, motos carros e bicicletas. Serve de caminho também para pedestres, que na escassez de calçadas ou total ausência destas desviam com maior tranquilidade de todos os obstáculos. Não existem faixas de pedestres ou placas de proibido estacionar. Ao longo do meio fio diversas barracas oferecem. De finais de semana a rua ainda é tomada por uma extensa feira que vende frutas, legumes, pastel e até miúdos de boi, a noite esse cenário muda e as ruas são tomadas pela batida do funk e o burburinho de

jovens e adolescentes que vêm de outras comunidades curtir o famoso baile da DZ7. A rua principal de comércio no setor do Antonico é a Pasquale Gallupi que corta quase toda a extensão da favela, paralelamente a avenida Giovanni Gronchi, vindo desde a parte nobre do Morumbi até a região do Grão. Tem os mais variados tipos de comércio e servem toda a Paraisópolis. Conforme segue-se pelas ruas transversais, a quantidade e o tamanho dos comércios vão diminuindo, notando-se pequenas barbearias e lojinhas de roupas. As esquinas geralmente têm as construções maiores e abrigam bares e botecos



Imagem 14 :Rua Pasquale Gallupi em um dia de semana.
Fonte: Acervo pessoal



Imagem 15: Corte genérico da tipologia Rua. Escala 1:100. As ruas têm uma largura média de 7m.
Fonte: Elaborado pela Autora

a viela como passagem

Nas ruas da Paraisópolis com intenso comércio e serviços como a Rua Ernest Renan e a Pasquale Gallupi, existem vielas largas entre as construções de 3 e 4 pavimentos. Essas vielas geralmente não têm portas de casas nem janelas e servem como uma passagem para uma ramificação de outras vielas. A passagem é usada como espaço de estar por senhores de idade, espaço para ca-

melôs, estacionamento de motos e também como um quintal das casas próximas, onde as crianças podem brincar com mais segurança.

As passagens costumam ser escuras e cobertas, porém pela sua extensão não geram desconforto. As empenas cegas possibilitam uma série de intervenções, sendo muito frequente usadas de “telas” por grafiteiros locais.



Imagem 16: Corte genérico da tipologia Viela como Passagem. Escala 1:100.
As vielas têm uma largura média de 2-3 m.
Fonte: Elaborado pela Autora



Imagem 17: Viela Sem Nome
Fonte: Acervo Pessoal 2018

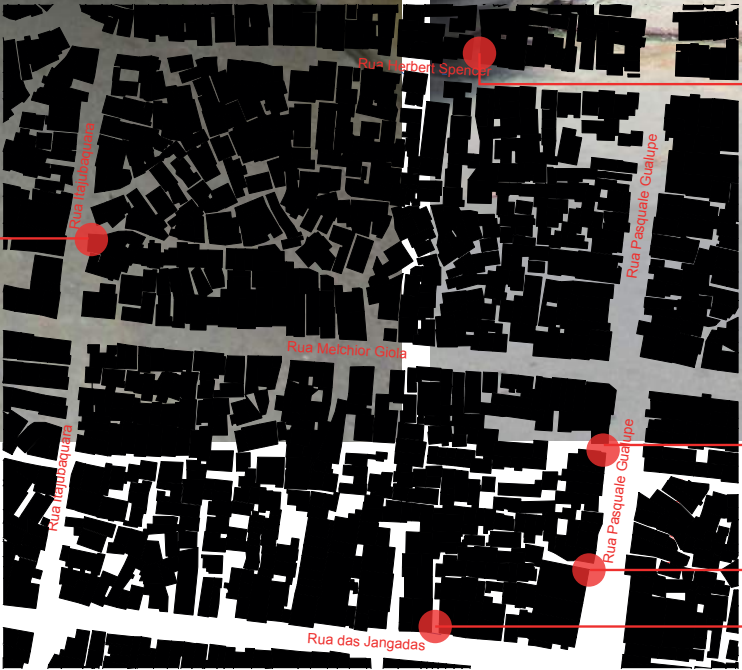


Imagem 18: Porecatu
Fonte: Acervo Pessoal 2018

a viela que promove a socialização

São vários os motivos que incitam o estar, o encontro em um espaço. Vela um pouco mais largas, iluminadas e mais planas são um lugar propício para o estar e por vezes servem de ponto de encontro. Às vezes o convite de alguns degraus mais confortáveis consegue reunir um grupo de amigos para tocar

violão ou observar o movimento da rua. Nas esquinas das ruas com essas vielas surgem pequenos comércios e barzinhos criando um movimento ainda maior no local. Em alguns locais existem árvores que protegem do sol e pequenos bolsões onde as crianças jogam bola, andam de bike e brincam tranquilamente.

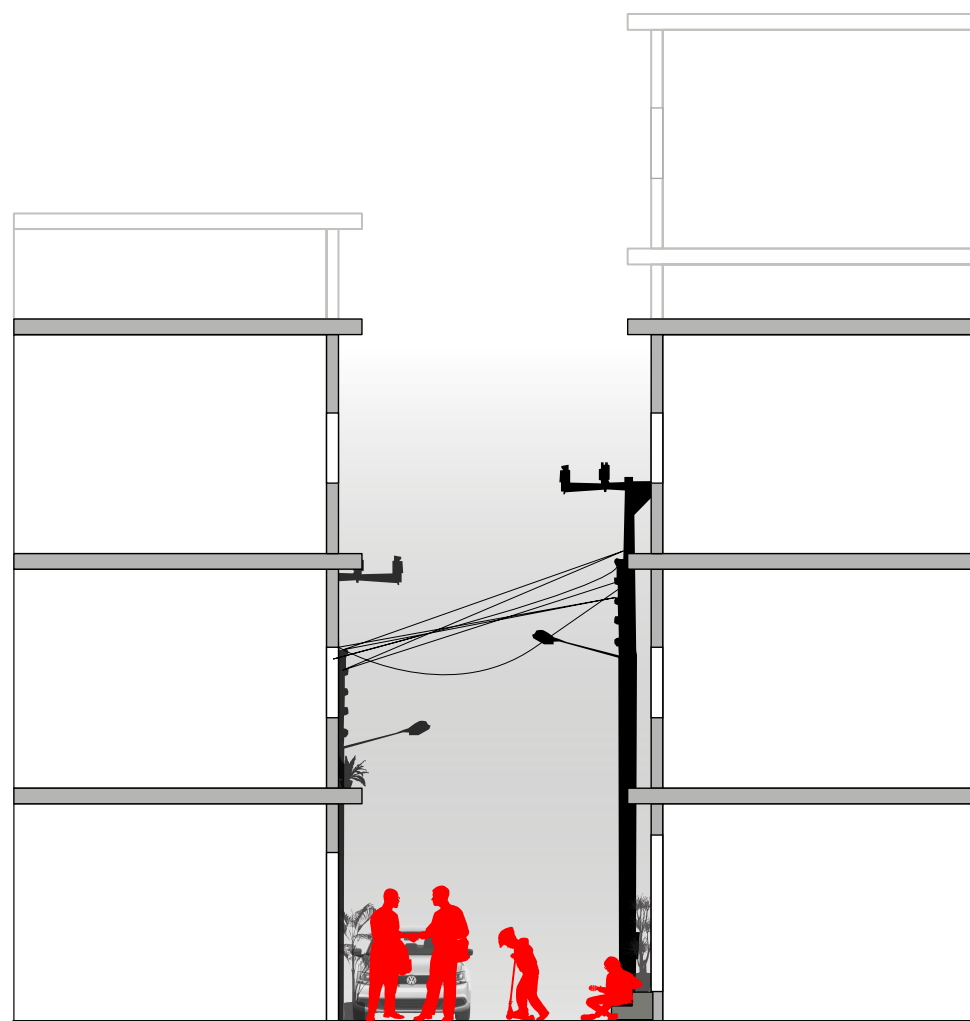


Imagem 19: Corte genérico da tipologia Viela que Promove a Socialização. Escala 1:100.

As vielas têm uma larguras médias bem variáveis.

Fonte:Elaborado pela Autora

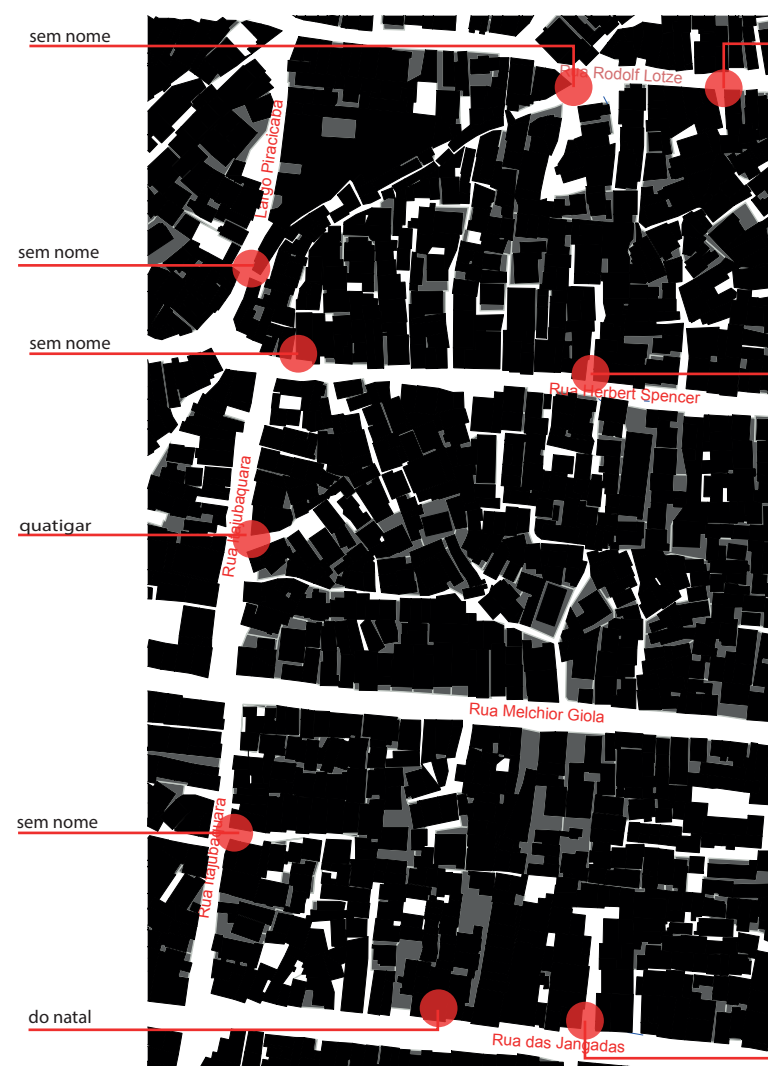


Imagem 20: Viela Sem Nome
Fonte: Acervo Pessoal 2018



Imagem 21: Viela Sem Nome
Fonte: Acervo Pessoal 2018

a viela que pensa na acessibilidade

Locomover-se no terreno da Paraisópolis não é fácil. Para tentar amenizar a situação alguns moradores se mobilizam para tornar mais acessível algumas das vielas, motivados muitas vezes por algum parente que tenha dificuldade de locomoção morando em sua casa. Além de escadas e rampas lado a

lado, existem vielas com corrimãos (apesar do calçamento ser inexistente ou muito ruim). Muitas vezes a intervenção acontece só no começo das vielas, geralmente não são vielas muito largas e lembram corredores, tendo poucas saídas abertas para elas e desembocando em vielas um pouco mais largas.

Imagem 28: Corte genérico da tipologia Viela que Pensa na Acessibilidade.
Escala 1:100.
As vielas têm uma larguras médias bem variáveis.
Fonte: Elaborado pela Autora



Imagem 29: Viela 19-A
Fonte: Acervo Pessoal 2018

Imagem 30: Viela Sem Nome
Fonte: Acervo Pessoal 2018

a viela do hexa

A tradição das bandeirolas e ruas pintadas na periferia e mesmo em áreas nobres, com os ídolos e a bandeira do Brasil parece discreta, com menor intensidade nessa Copa da Rússia. A impressão que fica é que os brasileiros estão menos empolgados com este Mundial. Historicamente, o futebol entusiasma o povo brasileiro a despeito de qualquer crise política ou econômica do país. O sociólogo Murad cita o exemplo da Copa de 1970: apesar de entrelaçada a um regime político controverso, a seleção conquistou o apoio até de quem era contra a ditadura militar.¹ O país passa por um momento de descontentamento geral na política o que acaba resultando em um distanciamento daquilo que representa nosso país, a seleção brasileira.

Outro motivo para não ver o asfalto pintado de verde e amarelo é que a rua foi substituída pela internet como principal espaço de confraternização social. As redes sociais afastam as pessoas uma das outras também fisicamente. Hoje em dia as comemorações vem em postagens de Facebook e Instagram, ca-

mufladas por filtros verdes e amarelos.

Durante as últimas visitas a Paraisópolis, foi possível identificar pequenas intervenções nas vielas menores, geralmente decoradas por um ou outro morador mas nada que configurasse a mobilização de grupos maiores para intervenções maiores no espaço público.



Imagem 34:Viela Sem Nome.

Foto tirada durante visita no mês de junho.

Fonte: Guilherme Mello

¹ <https://esporte.uol.com.br/futebol/copa-do-mundo/2018/noticias/2018/05/21/cade-as-ruas-pintadas-estamos-mesmo-menos-empolgados-com-a-copa-em-2018.htm>

3-9790 Rapidez e Segurança
Que Você Precisa
Nº 305



NÃO ESTACIONE
SAÍDA DE CARRO
E MOTO



6. referências

vila ipojuca rio de janeiro DBB-arquitetura da convivência

O grafiteiro Rui Amaral, responsável, juntamente com os amigos Tupynaodá e John Howard, pelo Beco do Batman, na Vila Madalena criou uma intervenção urbanística na Travessa Paschoal Astolpho, na Vila Ipojuca. A ideia é revitalizar a região e criar no local uma galeria de grafite viva, que é renovada a cada quatro meses.

A ideia é que a cada quatro meses novos artistas estampem os muros com o apoio da incorporadora Idea!Zarvos, que além de incentivar a ocupação criativa, também, fará melhorias significativas no bairro, no qual pretendem construir novos empreendimentos com a mesma linha de design e arquitetura que já trabalham.



Imagem 35:

Fonte: <http://arquiteturaconvivencia.squarespace.com>

núcleo santo onofre taboão da serra barossi nakamura arquitetos

O diagnóstico e proposta de urbanização da favela Santo Onofre de autoria dos arquitetos Antonio Carlos Barossi e Milton Nakamura, partiu de uma leitura espacial não restrita às carências infra estruturais do núcleo, mas incorporou o levantamento de todas as residências e as avaliou em termos de condições de habitabilidade e das possibilidades de melhorias e/ou consolidação da região, dando sua atenção aos espaços compartilhados e coletivos.

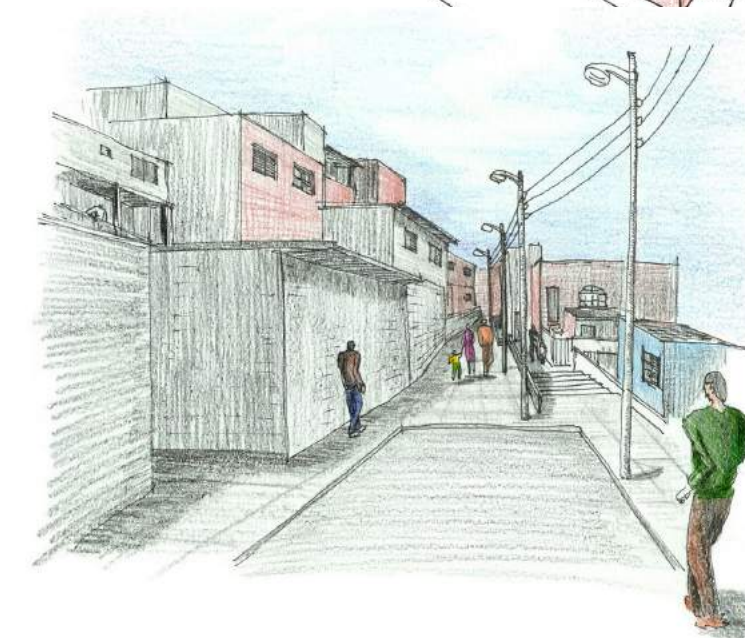


Imagem 36 e 37: Croquis do Projeto

Fonte: www.barossi-nakamura.arq.br

luz nas vielas brasilândia coletivo boa mistura

Na Vila Brasilândia, bairro de periferia localizado na Zona Norte de São Paulo, o coletivo espanhol Boa Mistura criou o projeto Luz nas Vuelas, uma inspiradora série de palavras inscritas nos muros da comunidade. As intervenções urbanas são extremamente coloridas e têm o objetivo de transformar as ruas e criar, ou fortalecer, vínculos entre as pessoas que nelas circulam.

A intervenção teve início em 2012, quando foram feitos os grafites ‘amor’, ‘beleza’, ‘doçura’, ‘firmeza’ e ‘orgulho’. Cinco anos depois, no início de 2017, o coletivo desembarcou no-

vamente na Brasilândia: dessa vez, para levar ‘mágica’ e ‘poesia’ ao local. A fim de realizar o trabalho, o grupo se valeu da técnica artística conhecida como anamorfismo, que oferece ao observador apenas uma opção de ponto de vista para a visualização da imagem com clareza: tal qual uma ilusão de ótica, de qualquer outra perspectiva o desenho se revela deformado e incompreensível. Não apenas as paredes, mas também as portas e janelas das vielas ganharam um banho de cores fortes para destacar as palavras tingidas de branco



Imagem 38: Antes da intervenção
Fonte: Coletivo Boa Mistura



Imagem 39 a 45: Vuelas apos intervenção
Fonte: Coletivo Boa Mistura



Fotos: Coletivo Boa Mistura

passagens do jardim angela são paulo estúdio +1

O concurso PASSAGENS JARDIM ÂNGELA teve como objetivo a revitalização de três passagens da região do Jardim Ângela, distrito da região sul de São Paulo, para melhora de qualidade da mobilidade local (micromobilidade de pessoas e bens) e sua integração com o eixo de transporte público da região.

O objetivo geral do concurso foi identificar e promover a realização de projetos e atividades inovadores que recuperassem o sentido social e a caminhabilidade destas passagens, com alternativas inclusivas e replicáveis que provoquem o maior impacto urbano e social com a menor intervenção possível.

O concurso aconteceu segundo perspectiva do Programa Passagens, com a orientação do IVM internacional e participação ativa de moradores e organizações locais.

O projeto ganhador, do Estúdio +1 não tem título, mais três palavras chaves: respeito, urbanidade e provocação. Indo além de uma simples melhoria das passagens, a proposta

tem uma visão muito integradora, propondo a transformação das áreas das passagens em locais de encontro, novas centralidades, espaços de troca e dispositivos de conexão, que ponderem suas características e potencialidades e respeitem a pluralidade da população que ali habita.



Imagem 46: Pranchas do Concurso
Fonte: Cidades em Movimento



7. o projeto

7.1 primeiros estudos

Após as visitas e levantamentos das três quadras foi possível analisar melhor o recorte e compreender suas necessidades mais latentes.

Com o mapa de cheios e vazios e as características das vielas foram traçados possíveis caminhos novos, sempre com a premissa de atravessar a quadra e conectar ruas diferentes.

O mapa a direita é um estudo dos possíveis percursos e bolsões a serem criados e requalificados.



Imagem 47: Mapa de estudo, papel vegetal sobre base em escala 1:1000.

7.2 definição do traçado

Para definir o traçado final optou-se por aquele que traria mais benefício ao pedestre, que encurtasse mais a distancia percorrida a pé. Dessa forma foram escolhidas 5 vielas (Vielas Sem Nome e Beco do Toninho) diretamente abertas para a rua e que estivessem em uma parte mais central da quadra. Nenhuma das vielas possuía conexão que atravessasse a quadra toda e, portanto, foram necessárias algumas remoções visando também a criação dos bolsões de lazer e estar. Entretanto o percurso traçado interviu da forma menos agressiva possível, respeitando e aproveitando ao máximo os pequenos espaços e respiros existentes.

Mantiveram-se em sua maioria as larguras originais das vielas e os bolsões foram criados e alargamentos pré-existentes.

Foram removidas no total 38 famílias a serem relocadas dentro do perímetro das 3 quadras. Nas comunidades e principalmente na Paraisópolis existe uma dependência muito grande do morador com a sua localidade, pois envolve a presença de outros familiares que o ajudam, uma proximidade com o trabalho, creche e outro serviços.

Não existe terreno disponível no entorno

então o mecanismo proposto seria a criação de 4 terrenos de 250 m² nessas quadras, também através da remoção e subsequente relocação no mesmo local. Nestes terrenos seriam erguidas edificações de 4 andares, com comercio na fachada com frente para as ruas. Os apartamentos teriam de 40 a 60 m².

Imagem 48: Mapa com o traçado final e bolsões em vermelho e remoções em amarelo.



7.3 diretrizes de projeto

1. Transformar a viela em logradouro garantindo assim mais dignidade para seus moradores

Instalação de numeração nas casas

Placas com nome da rua

Caixas de correio separadas por habitação

Acabamento das moradias (reboco e pintura)

2. Garantir um percurso mais seguro e acessível dentro da arquitetura do possível

Escadas confortáveis, dentro da norma

Rampas, quando possível dentro da inclinação apropriada

Corrimãos duplos

Canaletas para bicicletas, carrinhos de venda, mala de rodinhas e carinhos de bebe

3. Projetar uma infraestrutura de qualidade e fácil manutenção

Nova iluminação

Lixeiras de grande capacidade com tampa

Drenagem da escadaria eficiente

4. Espaços de lazer e estar no percurso

Foco em cultura, esporte e lazer



1. vias de pedestre

A primeira proposição visa transformar a viela em uma via de pedestres, e, portanto, um logradouro identificado pelo poder Executivo.

De acordo com *DECRETO Nº 49.346, DE 27 DE MARÇO DE 2008*

Regulamenta a Lei nº 14.454, de 27 de junho de 2007, que consolida a legislação municipal sobre a denominação e a alteração da denominação de vias, logradouros e próprios municipais, bem como revoga os dispositivos e decretos que especifica.

IV - via de pedestre é o espaço destinado à circulação exclusiva de pedestres, com largura mínima de 2,00m entre os alinhamentos;

V - viela é o espaço destinado à circulação de pedestres, interligando dois logradouros sem acesso de lotes para ela, com largura de até 4,00m entre os alinhamentos;

Pelo Decreto, a Prefeitura não reconhece vielas como logradouros, portanto as mesmas n’ao tem identificação na malha viária da cidade.

Art. 3º. Todos os logradouros do Município de São Paulo serão identificados por atos

do Executivo, de forma a possibilitar sua localização inequívoca na malha viária da Cidade.

Parágrafo único. Excetuam-se do disposto neste artigo, a critério da Prefeitura:

I - os logradouros que não constituem endereçamento;

II - os logradouros do tipo viela e viela sanitária;

III - as áreas verdes ou espaços livres e os canteiros centrais que, por sua importância, localização, tamanho e demais características

Para a identificação são necessários de acordo com o artigo quinto do decreto:

Art. 5º. O ato legal pelo qual será identificado o logradouro deverá conter, além da denominação ou designação, todos os dados técnicos necessários à sua perfeita individualização e localização, conforme a seguir indicado:

I - CODLOG;

II - pontos de início e término;

III - situação do ponto inicial, mediante indicação de logradouros ou de referenciais próximos, quando for o caso;

IV - distrito;

V - região administrativa;

VI - setor(es) fiscal(ais);

VII - quadras fiscais lindeiras aos pontos de início e término do logradouro, em cada setor atingido;

VIII - denominações ou designações anteriores, se houver;

IX - número do expediente administrativo e número cadastral de loteamento, se houver;

X - dispositivo legal relativo à oficialização do logradouro ou à sua anterior denominação, quando for o caso.

A situação de regularização fundiária na Paraisópolis ainda não atingiu todos os seus moradores, principalmente os dos miolos de quadra. A transformação da viela em via oficial poderia incentivar essa regularização, dando assim mas dignidade ao seus moradores.

Como consequência números de casas e caixas de correio serão instaladas para facilitar o recebimento de cartas e encomendas e a localização de moradores e visitantes da comunidade.

Ainda no que concerne as habitações, as casas devem receber reboco e revestimento,

enquanto muros e empenas cegas serão cedidas a coletivos de arte para a realização de grafites e outros tipos de intervenções artísticas.

2. percurso seguro, acessível e conectado

A segunda diretriz é a mais essencial para o sucesso do projeto. Para o pedestre escolher esse novo percurso ele deve ser atrativo, confortável e oferecer segurança.

Para vencer o desnível de 35 metros foram projetadas 25 escadas. As escadas têm 6 degraus de 17cm de espelho e 29 cm de pisada. Em uma de suas extremidades existe uma canaleta metálica com largura de 60 cm para o transporte de bicicletas, malas de rodinha, carrinhos de feira e até carrinhos de bebê. Nos espaços mais estreitos e extensos foram projetadas rampas com inclinação média de 10% prezando pelo conforto, mas não conseguindo atender a norma de acessibilidade ABNT NBR 9050 2015.

Os corrimãos tem altura dupla de 0.72m e 0.92 de acordo com a norma, atendendo a ABNT NBR 9050 2015. Foram locados de forma a garantir pelo menos 1.20m de área de circulação, em extremidades das escadas quando muito estreitas ou nos centros.

3. infraestrutura

lixeiros

O lixo acumulado na boca das vielas, calçadas e ruas produz sujeira, mau cheiro e atrai cachorros e ratos. Para solucionar este problema são propostas lixeiras com capacidade de 800 litros e dimensões de 1.00m x 0.9m x 0.9m. A EcoUrbis que faz a coleta na região de Paraisópolis recolhe lixo todos os dias úteis da semana, de forma que as lixeiras são suficientes para atender a necessidades dos moradores das novas vias de pedestres até arredores.

As lixeiras têm tampa resistente com amortecedores e puxadores galvanizados para evitar a deterioração. Os pés da lixeira são parafusados a uma base de concreto para garantir estabilidade e evitar vandalismo. No fundo da lixeira há um sistema de escoamento para água de modo a permitir a limpeza.

As lixeiras estão dispostas em duplas ou trios na entrada das vielas, sendo uma das unidades para lixo comum e outra para lixo reciclável. No caso dos trios são duas para lixo comum e uma para lixo reciclável.

Iluminação

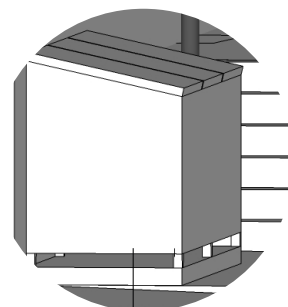
Para a iluminação foram determinados

postes de 4m de altura, locados a uma distância de 8 a 10 m entre si. As lâmpadas são de LED. Em curvas muito fechadas e lugares de possível penumbra foram estipulados postes adicionais, assim como na área de leitura.

drenagem

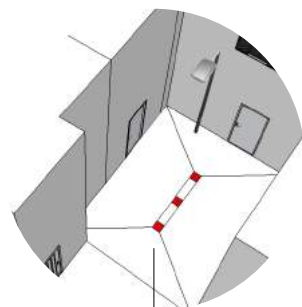
Para escoar a água da chuva foram projetadas grelhas em chapa de aço perfurado (dimensões 25cm x 29cm) que seguem todo o novo caminho. Os degraus das escadas têm uma inclinação de 2% assim como os patamares direcionando a água pluvial para a grelha que pode estar posicionada centralmente ou no perímetro. Em patamares mais extensos e/ou irregulares o piso tem inclinação para as chapas localizadas no centro. Cada quadra tem seu próprio sistema que leva a água coletada para o sistema de coleta de água pluvial já existente na rua da cota mais baixa.

Além disso a cor vermelha das chapas dá uma continuidade e conexão à intervenção, indicando e sugerindo o caminho a ser percorrido, mesmo na rua, onde o asfalto é pintado para indicar a conexão. Os patamares são em piso intertravado cinza enquanto todo o resto do percurso e em concreto.

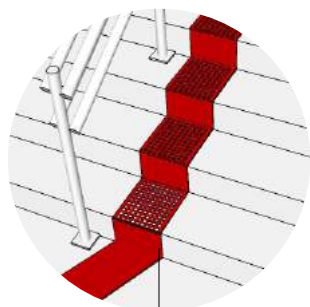


Rua dss Jangadas

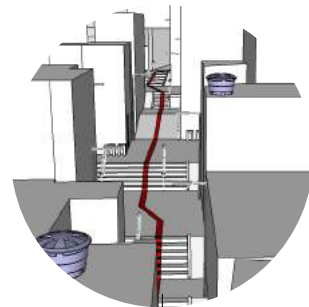
Lixeirais com capacidade para 800 litros
4 trios
2 duplas
1 unitaria



Paginamento de piso para evitar o acumulo de agua nas entradas das casas

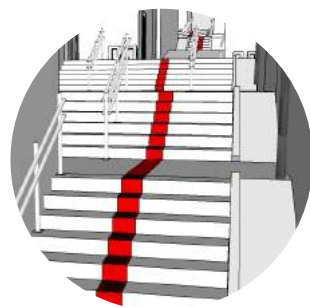


As chapas perforadas para drenagem tem dimensoes de 25cm x 29cm

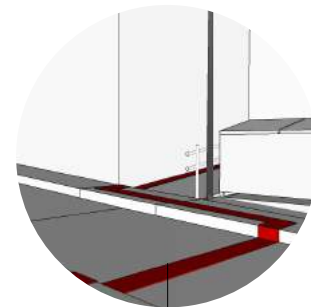


Rua Melchior Giola

55 novos postes de LED de 4m de altura

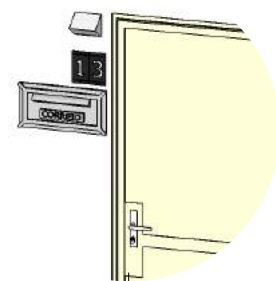


5 lances de escadas e 10 rampas as canelas de 60 cm de largura facilitam o transporte de carrinhos, e bicicletas



Rua Herbert Spencer

a pintura do asfalto e da calçada confere união as quadras e indica ao caminho manutenção de baixo custo e fácil

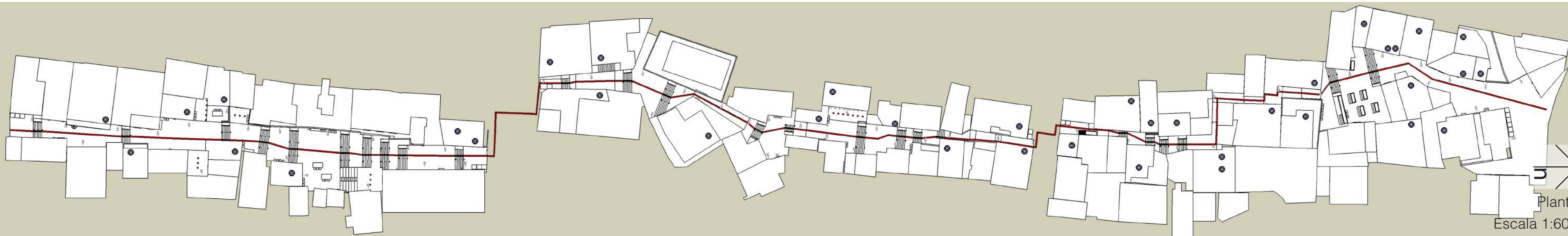


com a oficialização das vias de pedestre junto a prefeitura, as casas ganham números, facilitando serviços de entrega

Rua Rodolfo Lotze



Corte
Escala 1:600



Planta
Escala 1:600

4. espaços de lazer e estar

Ao requalificar estruturalmente a viela, foram criados espaços mais amplos, grandes patamares entre as escadas com muitas empenas cegas. Para incentivar a sua utilização e o estar foram escolhidas três categorias de uso: esporte, cultura e saúde. Todos os itens são dependentes entre si, a esporte e a cultura contribuindo para a saúde física e mental.

Cada quarteirão recebeu um tipo de intervenção, que se adequasse melhor a forma gerada.

cultura

A requalificação da quadra de cota mais alta, entre a Rua da Jangada e a Rua Melchior Giola gerou um patamar largo e rodeado de empenas cegas bem em seu centro. Aproveitando-se dessas características foi determinada como a quadra da Cultura, pois sua empena cega, pintada de branco, projeta filmes, shows, jogos de futebol. O projetor ficaria guardado, sendo responsabilidade da Associação de Moradores da Paraisópolis. Para tornar mais confortável a exibição, foi projetada em concreto uma arquibancada, que fora desses momentos cria um espaço acolhedor, como uma sala de estar, área de encontro

para todas as idades. Além da área do cinema, grandes mesas em concreto armado com prateleiras voltadas para o percurso do pedestre, hospedam livros doados, de forma a gerar interesse e curiosidade do passante. Para proteger os livros das chuvas, as prateleiras estão recuadas 10 cm do tampo. O outro lado da mesa tem banquinhos de concreto, para quem quiser utilizar um notebook, ou estudar. Os mesmos banquinhos foram distribuídos nas três quadras, aproveitando-se dos muros das casas e criando assim uma pequena varanda pública.

Todo o mobiliário é feito em concreto armado, seguindo o mesmo padrão em todas as quadras. Seu peso e durabilidade resistem a vandalismo e a intempéries e já havendo a forma, são de fácil e barata execução.

esporte

A Paraisópolis já é uma comunidade rica em ONGs de incentivo ao esporte, sendo possível praticar desde Esgrima ao Rugby. Por ser muito extensa esses equipamentos ficam muitas vezes isolados, não permitindo sua visita sempre. Para complementar a vida esportiva das crianças e jovens, na quadra entre a Rua

Melchior Giola e a Herbert Spencer foram colocados pequenos mobiliários esportivos, dos mais comuns, como uma cesta de basquete e uma barra para as bailarinas do Ballet de Paraisópolis se alongarem e treinarem movimentos básicos. Aqui o piso é recoberto de cimento queimado para permitir este uso. O projeto todo serve como um grande parque de skate para os adolescentes.

saúde

Na área mais precária entre as quadras da Rua Herbert Spencer e Rua Rodolf Lotze designou-se um uso que já era preexistente na área: pequenas hortas adaptadas. O diferencial aqui são os pequenos canteiros elevados para proteger de animais como cachorros e ratos e para denota-los de canteiros de flores comuns. Para permitir o acesso de crianças ou pessoas mais baixas foram acrescentados degraus em um dos lados do canteiro. Há bastante espaço para utilizar esta horta como palco de aula escolares ou mesmo workshops das ONGs que incentivam as hortas nas lajes.

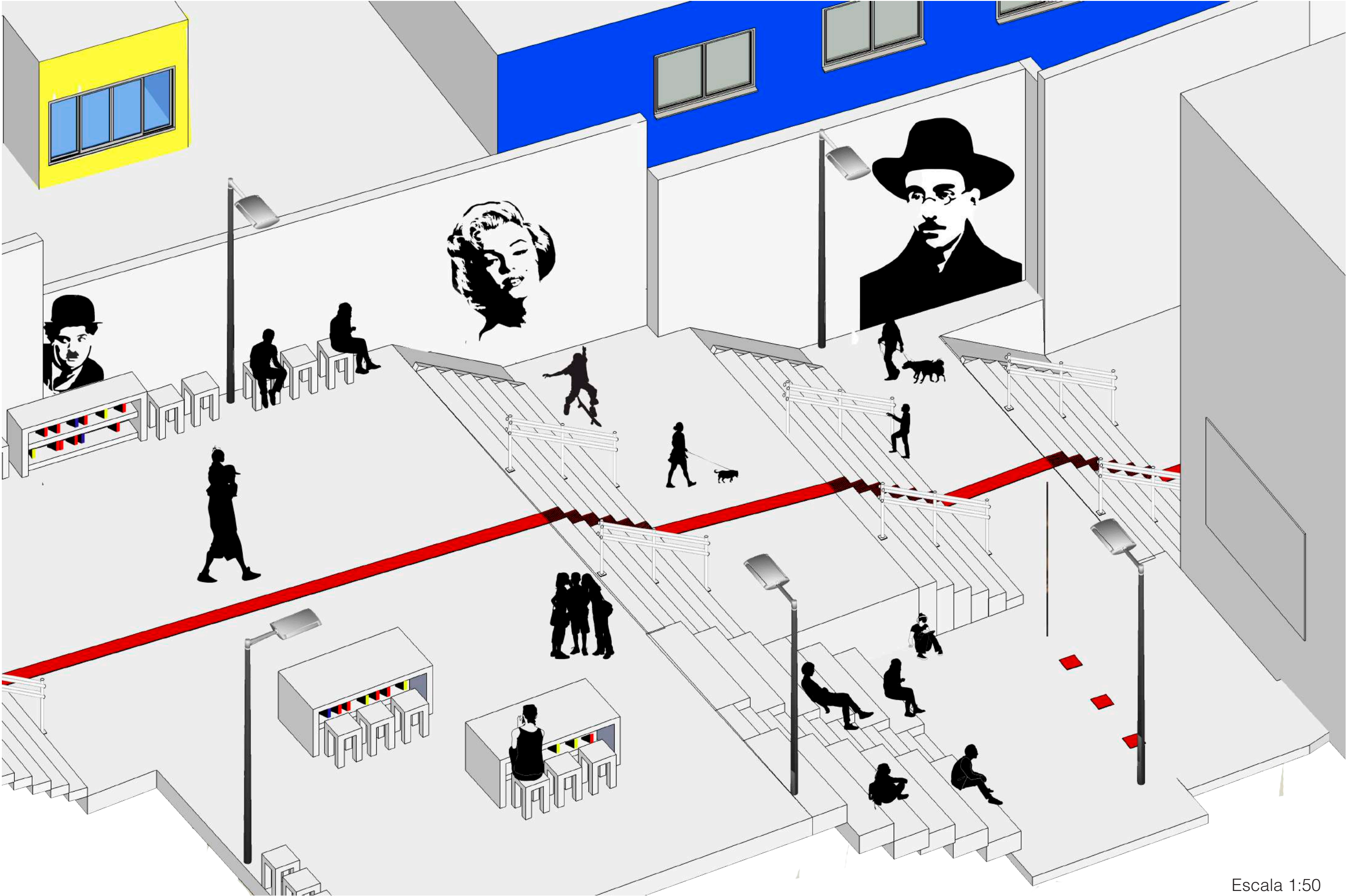
A designação como quadra da saúde em do fato de ali serem plantadas pequenas ervas e temperos, que servem não só para cozinhar

mais tem fins medicinais. A escolha por esse tipo de horta se dá também pela facilidade de cultivo e pela pouca insolação das áreas.

das jangadas
x
melchior giola

cultura

cinema a céu aberto
biblioteca

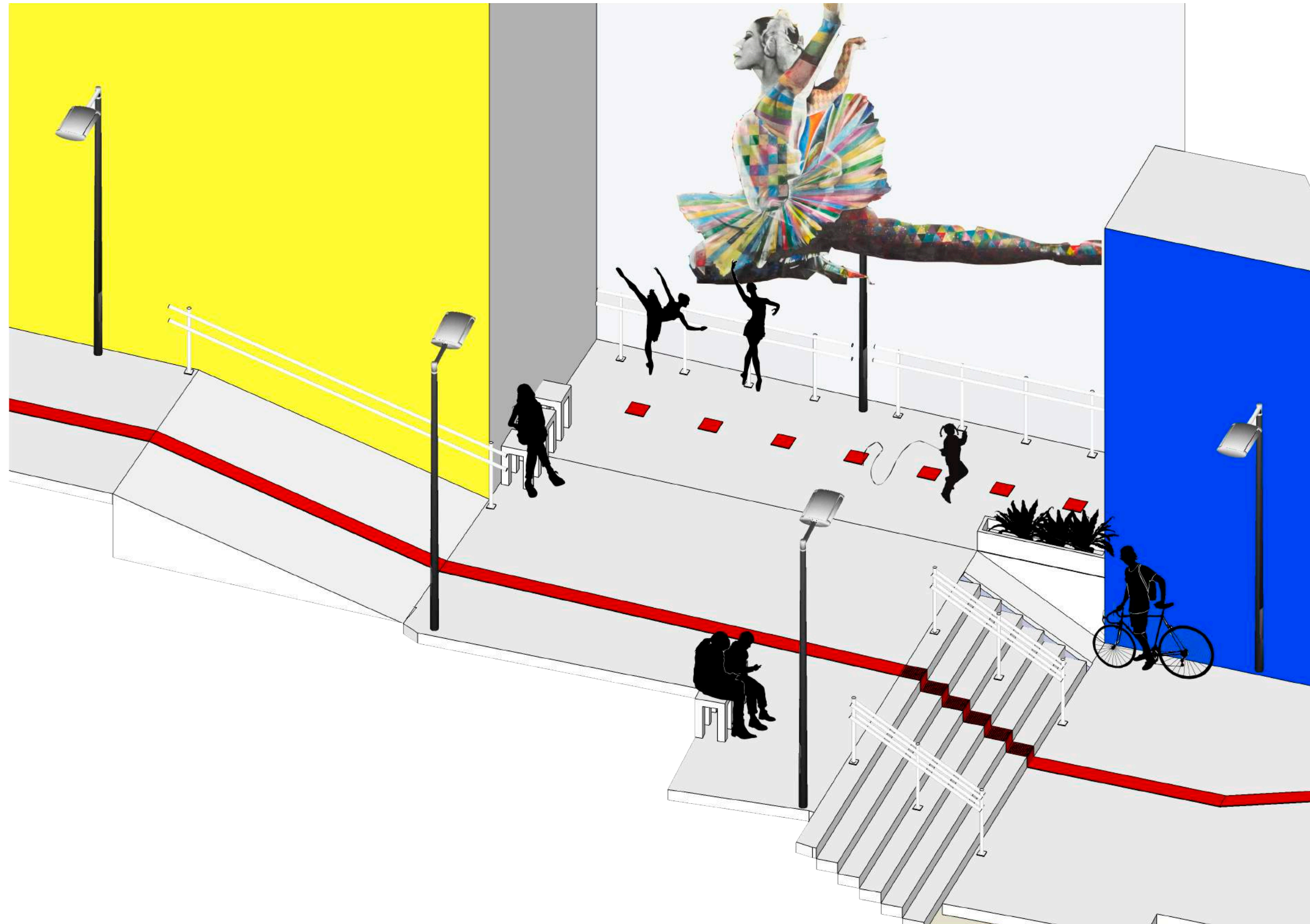


Escala 1:50

melchior giola
X
herbert spencer

esporte

ballet
basquete
skate



Escala 1:50

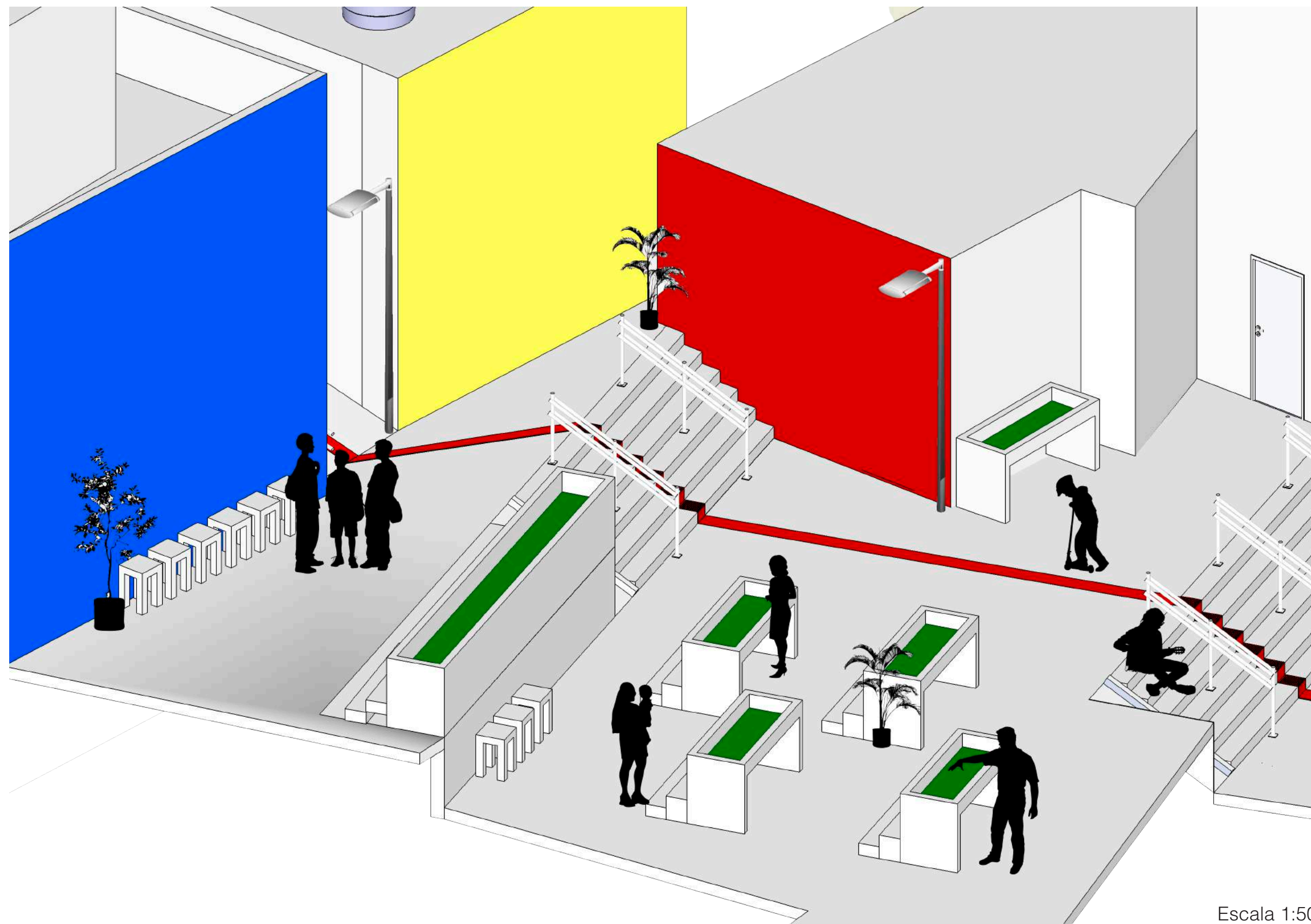
herbert spencer

x

rodolf lotze

saúde

horta comunitária
jardins



Escala 1:50



8. conclusão

8. conclusão

Como vimos, a comunidade de Paraisópolis carece de espaços de lazer de qualidade. A sua alta densidade e declividade, resultado da sua ocupação agressiva e desordenada deixou poucos resquícios de espaços livres. Dessa forma suas ruas e vielas são usadas não somente para o deslocamento, mas para o comércio, lazer, trabalho e como extensão dos usos residenciais. A apropriação desses espaços se dá de forma muito diversa daquela da cidade planejada, é orgânico, adaptável e cheio de vida pois as “pracialidades” vão se criando e consolidando onde menos se espera. Dentro dessa lógica orgânica de formação dos espaços cabe a nós arquitetos não intervir, estipular, enrijecer esses usos, mas sim garantir o mínimo de conforto, acessibilidade e segurança para que o espaço possa ser tomado e usado por todos, através de ferramentas participativas e inclusivas. O arquiteto sabe que a mudança de uma parede de lugar, uma iluminação mais eficiente, uma escada mais confortável pode influenciar fisicamente, psicologicamente e principalmente socialmente, um indivíduo e uma comunidade.

A Paraisópolis é uma comunidade muito urbanizada e consolidada, com uma gama

de projetos existentes dos mais variáveis, mas muitos engavetados. Entendendo um pouco dessa dinâmica política, de interesses e midiáticas, tentamos manter o foco desde o início na arquitetura do possível. Nada adianta ter um projeto bonito, caríssimo, feitos por arquitetos internacionais para ficar exposto na parede da Associação de Moradores. A proposta aqui apresentada é um ensaio de possíveis requalificações das vielas, sem ideias mirabolantes, mas ideias que com pouco mais de aprofundamento poderia ser executadas por etapas e em pouco tempo, de forma usar o mínimo de recursos possíveis.

Fora do âmbito de um trabalho final de graduação, ideia tem muito a ser desenvolvida e trabalhada, o que, naturalmente, faz parte do ofício do arquiteto: criar ideias e trabalhá-las, para que possam atingir um propósito, tentando trazer um pouco de conforto à humanidade dentro do dentro do seu domínio.

9.bibliografia

FERREIRA DOS SANTOS, Carlos Nelson e VOGEL, Arno. Quando a rua vira casa: A apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro. 3ª edição. São Paulo: Projeto, 1985

FRUGOLI JUNIOR, H. São Paulo: espaços públicos e interação social. São Paulo: Marco Zero, Sesc, 1995

JACOBS, J. Morte e vida de grandes cidades. Trad. Carlos Rosa. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

QUEIROGA, Eugenio Fernandes; A megalópole e a praça: o espaço entre a razão de dominação e a ação comunicativa. São Paulo, 2001. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo.

QUEIROGA, Eugenio Fernandes; Praças e pracialidades em design: da visualidade da paisagem à visibilidade dos lugares. In: ISEMINÁRIO DE SEMIÓTICA APLICADA AO DESIGN. Anais... Rio de Janeiro: PUC-Rio. 2003.(CD-ROM)

QUEIROGA, Eugenio Fernandes; BENFATTI, Denio Munia. SISTEMAS DE ESPAÇOS LIVRES URBANOS: CONSTRUINDO UM REFERENCIAL TEÓRICO. In: Paisagem Ambiente: ensaios - n. 24 - São Paulo - p. 81 - 88 - 2007.

MAGNOLI, Miranda Martinelli (2006). Espaço livre-objeto de trabalho. In: Paisagem e Ambiente n21,2006. São Paulo: FAU/USP-p.175-198.

MAGNOLI, Miranda. Espaços livres e urbanização: Uma introdução a aspectos da paisagem metropolitana. 1982. Tese(Livre-Docência) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1982.

MAGNOLI, Miranda Martinelli (2006). Espaço livre-objeto de trabalho. In: Paisagem e Ambiente n21,2006. São Paulo: FAU/USP-p.175-198.

MAGNOLI, Miranda. Espaços livres e urbanização: Uma introdução a aspectos da paisagem metropolitana. 1982. Tese (Livre-Docência) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1982.

normas

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 9050 2015:Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos.

websites

http://www3.prefeitura.sp.gov.br/cadlem/secretarias/negocios_juridicos/cadlem/integra.asp?alt=28032008D%20493460000

<http://concurso.cidadeemmovimento.org/finalistas/estudio-1/>

<http://concurso.cidadeemmovimento.org>

<http://32xsp.org.br/2017/11/07/educacao-tambem-e-feita-pelo-esporte-diz-morador-da-vila-andrade/>

<http://www.nossasaopaulo.org.br/tags/mapa-da-desigualdade>

imagens

Imagem 1: Da esquerda para direita, Kerollay, Priscila, Liciane e Tamires aguardando o ensaio
Fonte: Acervo Pessoal

Imagem 2 : Localização da favela de Paraisópolis
Fonte: Elaborado pela Autora

Imagem 3: Projeto original do loteamento de Paraisópolis, apesar de irregular, oficializado em 1968 pela lei municipal 7.810 e ocupação atual sobreposta ao traçado original
Fonte: PORTAL VITRUVIUS. Projeto Urbano do Córrego do Antonico. Projetos, São Paulo, ano 12, n. 1

Imagem 4: Vista da Paraisópolis a partir da Avenida Giovanni Gronchi
Fonte: Acervo Pessoal 2013

Imagem 5: Dados do IBGE Censo de 2015
Fonte: Elaborado pela Autora

Imagem 6: Esquema das tipologias de quadra de Paraisópolis. O bairro do Morumbi seguiu as curvas de nível existentes enquanto o loteamento de Paraisópolis ignorou a declividade natural e criou um traçado ortogonal, o que resultou em ladeiras muito inclinada.
Fonte; GOMES, Julia. Paraisópolis: O Espaço Público na Urbanização de Favelas,2016.

Imagem 7: Mapa físico de Paraisópolis com seus setores.
Fonte: GOMES, Julia. Paraisópolis: O Espaço Público na Urbanização de Favelas, 2016.

Imagem 8: Paraisópolis e seus bairros. Sem escala.
Fonte: Elaborado pela autora.

Imagem 9: Obra de construção do Parque Sanfona. O local era ocupado e corria risco de deslizamento. Após remoções, foi ocupado novamente até a ocor-

rência de um incêndio em 2017.Obras foram retomadas em 2018.
Fonte: Acervo Pessoal 2018

Imagem 10: Pequena horta na região do córrego do Antonico
Fonte: Acervo pessoal 2018

Imagem 11: Esquina com vasos na região do córrego do Antonico
Fonte: Acervo pessoal 2018

Imagem 12: Área de Intervenção
Fonte: Elaborado pela Autora

Imagem 13: Vuelas levantadas
Fonte: Elaborado pela Autora

Imagem 14 :Rua Pasquale Galuppi em um dia de semana.
Fonte: Acervo pessoal

Imagem 15: Corte genérico da tipologia Rua. Escala 1:100. As ruas têm uma largura média de 7m.
Fonte: Elaborado pela Autora

Imagem 16: Corte genérico da tipologia Viela como Passagem. Escala 1:100.
As vielas têm uma largura média de 2-3 m.
Fonte: Elaborado pela Autora

Imagem 17: Viela Sem Nome
Fonte: Acervo Pessoal 2018

Imagem 18: Porecatu
Fonte: Acervo Pessoal 2018

Imagem 19: Corte genérico da tipologia Viela que Pro-move a Socialização. Escala 1:100.
As vielas têm uma larguras médias bem variáveis.
pela Autora

Imagem 20: Viela Sem Nome
Fonte: Acervo Pessoal 2018

Imagem 21: Viela Sem Nome
Fonte: Acervo Pessoal 2018

Imagem 22: Corte genérico da tipologia Viela que Gera Conflitos.
Escala 1:100.
As vielas têm uma largura média de 1.8-2m. Fonte: Elaborado pela Autora

Imagem 23: Viela Sem Nome
Fonte: Acervo Pessoal 2018

Imagem 24: Viela do Sonho
Fonte: Acervo Pessoal 2018

Imagem 25: Corte genérico da tipologia Viela que Causa Desconforto.
Escala 1:100.
As vielas têm uma largura média de 0.8-1.5m. Fonte: Elaborado pela Autora

Imagem 26: Viela Sem Nome
Fonte: Acervo Pessoal 2018

Imagem 27: Viela Sem Nome
Fonte: Acervo Pessoal 2018

Imagem 28: Corte genérico da tipologia Viela que Pensa na Acessibilidade.
Escala 1:100.
As vielas têm uma larguras médias bem variáveis.
Fonte: Elaborado pela Autora

Imagem 29: Viela 19-A
Fonte: Acervo Pessoal 2018

Imagem 30: Viela sem Nome
Fonte: Acervo Pessoal 2018

Imagem 31: Corte genérico da tipologia Viela Organizada.
Escala 1:100.
As vielas têm uma larguras médias bem variáveis.

Fonte: Elaborado pela Autora

Imagem 32: Viela Sem Nome
Fonte: Acervo Pessoal 2018

Imagem 33: Viela do Lula
Fonte: Acervo Pessoal 2018

Imagem 34:Viela Sem Nome.
Foto tirada durante visita no mês de junho.
Fonte: Guilherme Mello

Imagem 35:
Fonte: <http://arquiteturadaconvivencia.squarespace.com> Imagem 36 e 37: Croquis do Projeto
Fonte: www.barossinakamura.arq.br

Imagem 39 a 45: Vuelas apos intervenção
Fonte: Coletivo Boa Mistura

Imagem 46: Pranchas do Concurso
Fonte: Cidades em Movimento

Imagem 47: Mapa de estudo, papel vegetal sobre base em escala 1:1000.

Imagem 48: Mapa com o traçado final e bolsões em vermelho e remoções em amarelo.

Imagem 49: Grafitti na Viela Porecatu
Fonte: Acervo Pessoal 2018

